

RESPONSABILIDADE SOCIAL

"Ser voluntário é trabalhar com
o coração."

Miguel Novais



FICHA TÉCNICA

Equipa de trabalho: Liliana Matos (Associação Perelhal Solidário); Sofia Albuquerque (Centro Zulmira Pereira Simões); Miguel Novais (SOPRO); Carolina Lopes de Castro (Município de Barcelos)

Revisores (Professores Abílio Gomes e Fátima Silva);

Tiragem: 1000 exemplares

Ano: Setembro 2012

Foto da capa: Carlos Araújo

Design Gráfico e Paginação: Intervenção - Soluções de

Design e Comunicação, Lda. - Barcelos

Impressão: Passa Mensagem Artes Gráficas, Unipessoal, Lda.

Depósito Legal;

ÍNDICE

p4 - Economia Social e Voluntariado

p6 - O Envelhecimento Ativo e a Responsabilidade Social

p8 - Coração Gigante

p10 - Voluntariado no Mundo Atual

p12 - Política de Responsabilidade Social e o Desenvolvimento Sustentável

p16 - P&R Têxteis - S.A.

p18 - Solidariedade Natural - Marca Social

p20 - Projeto Imagem/Barcelos a Sorrir

p22 - Habitat For Humanity - Portugal

p24 - Medidas Para a Inclusão

p30 - Bolsa Solidária de Recursos

p34 - A Voz do Voluntário

p38 - A História do Voluntariado

p42 - Barcelos Saudável

p44 - Barcelos Sénior

p46 - Misericórdia de Barcelos Combate Isolamento Social

p48 - Animar e Cuidar

p50 - Envelhecimento Ativo e a Necessidade de Uma Arquitetura Inclusiva

EDITORIAL

Volvidos nove meses da publicação do boletim informativo da rede social de barcelos e com o objetivo de ativar o sistema de comunicação/informação, o Grupo Temático do Voluntariado chama a si este dispositivo e elege como tema central da revista, - A Responsabilidade Social, associada à prática do voluntariado e da inovação social.

No seguimento, e porque 2012 é o ano dedicado ao envelhecimento ativo, inclui-se nesta revista uma separata subscritora do lema da solidariedade entre gerações e das cidades amigas das pessoas idosas. Para firmar esta conduta, a coordenadora do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações, Dra Joaquina Madeira, congratula-nos com a sua opinião.

São vários os exemplos ilustrativos da simplicidade e da diferença, sempre que se decidem apropriar-se da parceria como uma plataforma em banda larga, alimentada por “foruns” e “sítios” de interesse múltiplos. Leiam e comprovem as vantagens do trabalho em rede.

No alinhamento do Plano de Desenvolvimento Social e da Saúde 2015 (PDSS), a revista “Responsabilidade Social” permite combinar alguns compromissos assumidos nos eixos de desenvolvimento prioritários, incentivados pelas opiniões de alguns especialistas e responsáveis e pelo testemunho de empresas e de pessoas que contribuem ativamente para a diminuição das franjas de pobreza e de exclusão social.

De acordo com a estratégia europeia da responsabilidade social 2011-2014, o conceito traduz a responsabilidade das organizações pelo seu impacto na sociedade. Parece um lugar comum que se complexifica à medida que interpretamos os princípios subjacentes aos compromissos. A sua universalidade acarreta garantias e direitos singulares. Quando nos centramos na responsabilidade social perspetivamos a empregabilidade, o empreendedorismo, o

voluntariado, o desenvolvimento e a sustentabilidade de uma forma harmoniosa e racional.

Estamos certos que este grupo, em particular a equipa coordenadora, se esforçou por proporcionar ao leitor mais anónimo uma oportunidade de conhecer melhor o seu território, através dos agentes e interlocutores locais, com relatos que motivam debates e reflexões, possíveis de manter vivos os textos. Combater a indiferença é dar voz ao outro que não receia revelar a sua semelhança.

Do exposto, resta acreditar que este momento de partilha vai poder contribuir para a dinamização do voluntariado, para a implicação das empresas, para o maior envolvimento dos parceiros e para uma participação mais efetiva dos cidadãos. Na qualidade de Vereadora do Pelouro da Ação Social e Saúde Pública procurarei desempenhar o meu papel à altura das expetativas criadas.

*Ana Maria Silva
Vereadora do Pelouro da Ação Social e Saúde Pública*

ECONOMIA SOCIAL E VOLUNTARIADO

Começemos pela primeira parte do título para daí chegarmos à segunda e às relações fortes entre uma e outra. O termo **“Economia Social”** pode ser entendido de várias maneiras. Para aqui é pertinente considerarmos a Economia Social como sendo o **setor** da atividade económica constituído pelas **organizações de economia social**.

Como andam por aí vários conceitos alusivos a estas organizações tais como o de “organizações sem fins lucrativos” e de “Terceiro Setor” que enfermam de alguns problemas, aqui vai o que entendo como sendo organizações de economia social:

- a) São **organizações**, ou seja, são coletivos humanos dotados de um sistema de normas sociais (formais e/ou informais) que regulam quem pode pertencer à organização e como, como é que deve ser o seu funcionamento interno e as suas relações com o meio envolvente;
- b) São **privadas** no sentido de emanarem da iniciativa de entidades da sociedade civil;
- c) São de **adesão voluntária**;
- d) Dispõem de formas de **auto-governo**;
- e) Têm como **missão** principal organizar a **acção coletiva** para a construção de relações mais **solidárias** dos seres humanos entre si e com o meio ambiente em que vivem;
- f) No cumprimento dessa missão, a globalidade da sua atividade resulta na produção de serviços que têm a natureza de **bens públicos** (ex. menos pobreza, mais coesão social, defesa dos direitos humanos, redução das disparidades regionais, proteção do ambiente, proteção civil, proteção do património cultural, melhoria da saúde pública, produção e divulgação de informação de acesso livre, etc.);
- g) Para prestarem estes serviços mobilizam recursos que gerem em regime de **propriedade comum**.

O que é que isto tem a ver com voluntariado? Tem muito a ver. Como se referiu na definição do conceito de organizações de economia social o cumprimento da sua missão tem como resultado a produção de serviços que economicamente têm a natureza de bens públicos. Este tipo de bens tem duas características:

- **não existe** exclusão no acesso ao seu consumo;
- **não existe** rivalidade no seu consumo.

O que é que isto quer dizer? Não haver exclusão no acesso ao consumo de um bem como, por exemplo, haver menos pobreza e mais coesão social, significa que se existir alguma organização cuja actividade contribui para haver menos pobreza e mais coesão social, quem vai beneficiar com isso não são só as pessoas que colaboraram com essa organização, mas toda a gente.

Não haver rivalidade no consumo do bem significa que se alguém o consumir, não é menos, nem é pior qualidade desse bem que fica disponível para ser consumido por outras pessoas. No exemplo, atrás referido, o facto de alguém usufruir de viver numa sociedade mais coesa e com menos pobreza não faz com que as outras pessoas que vivem nessa sociedade não possam usufruir do mesmo.

Sendo os bens públicos caracterizados por estas duas propriedades de **não exclusão** no acesso ao seu consumo e de não rivalidade no seu consumo, o que daqui resulta é que pode haver consumidores desses bens públicos que usufruem deles **sem terem contribuído para a sua produção**. Quando isto acontece e as organizações que produzem esses bens públicos não têm formas de fazer com que esses consumidores não pagantes contribuam de forma direta ou indireta (aqui, por exemplo, recorrendo a financiamentos do Estado que coleta coercivamente impostos desses consumidores) para as suas actividades, estas organizações têm que se defrontar com problemas de **sustentabilidade económica**.

O que é que tudo isto tem a ver com voluntariado? Tem muito a ver. Se as organizações de economia social que cumprem bem a sua missão e que, portanto, ao fazerem isso, estão a produzir bens públicos (ex. menos pobreza, mais coesão social, proteção do ambiente, etc.), puderem contar com **contributos voluntários em bens, em dinheiro ou em trabalho** por parte de cidadãos que beneficiam com esses bens públicos, isso irá ajudá-las a fazerem face ao problema de sustentabilidade económica atrás referido. Sendo mais sustentáveis em termos económicos, estarão em melhores condições para prosseguirem a sua atividade ao serviço da construção de uma sociedade com relações mais solidárias dos seres humanos entre si e com o meio ambiente em que vivem.

Américo M. S. Carvalho Mendes (1)



¹ Coordenador da Área Interdisciplinar de Economia Social da Católica-Porto. Diretor do Mestrado em Economia Social e da Pós-Graduação em Gestão de Organizações de Economia Social da Católica-Porto. Co-fundador, dirigente e colaborador voluntário de organizações de economia social há mais de 30 anos.

O ENVELHECIMENTO ATIVO E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

“Todos, incluindo cada um de nós, somos responsáveis e isto significa, nomeadamente, envolvimento, criação de redes, cooperação, sinergias, no interior da sociedade civil e entre a sociedade civil e outros setores no contexto da União Europeia.”

Joaquina Madeira

Está de parabéns o Grupo Temático do Voluntariado do Conselho Local de Ação Social (CLAS) de Barcelos pela iniciativa da edição desta Revista a que chamou “Responsabilidade Social” e pela transversalidade dos seus conteúdos.

De facto, neste Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações (AEEASG) refletir sobre questões como a economia social, o voluntariado, a responsabilidade social nas e das empresas, a inclusão social e a solidariedade é de importância vital.

Portugal, ao associar-se à Decisão nº 940/2011/EU, de 14 de Setembro, do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia, que cria o AAEASG, comprometeu-se com o desenvolvimento de iniciativas que contribuam, de forma eficaz e estruturante, para a promoção da cidadania e para a capacitação das comunidades pela construção de uma sociedade mais justa.

Tal desiderato só será possível através de um compromisso individual e colectivo, envolvendo um vasto conjunto de atores sociais, tanto do setor público, como do setor privado, seja ele social ou empresarial, não esquecendo os municípios. Todos, incluindo cada um de nós, somos responsáveis e isto significa, nomeadamente, envolvimento, criação de redes, cooperação, sinergias, no interior da sociedade civil e entre a sociedade civil e outros setores no contexto da União Europeia.

A responsabilidade social é isso mesmo. É cidadania, é desenvolvimento sustentável, é filantropia empresarial, é marketing social, é ativismo social. E tudo isto é necessário para a criação de uma cultura de envelhecimento ativo, no sentido em que a OMS o define e onde o conceito de PARTICIPAÇÃO surge como imprescindível quando o objetivo é a realização do potencial humano, de acordo com as necessidades, direitos e capacidades de cada um.

Assim, os programas de voluntariado e de participação cívica, o aprimorar o conceito de cultura organizacional nas empresas para a implementação da responsabilidade social como uma bandeira inquestionável, o desenvolvimento da solidariedade entre as gerações, partilhando e aprendendo formas de ser, de estar e de viver e desconstruindo estereótipos associados à idade, são, reafirmo-o, fatores essenciais de inclusão e de construção de uma sociedade para todos e todas.

Joaquina Madeira
Coordenadora do Ano Europeu Envelhecimento Ativo e
Solidariedade entre Gerações-2012



CORAÇÃO GIGANTE

“Ser voluntário é ser responsável, interessado e corajoso, é ter sentimentos, é demonstrar que se pode ter valor e ser um diamante nos bolsos dos outros, é ser bondoso sem receber nada em troca, é ter um coração GIGANTE, é sentir-se útil.”

Foi com imenso prazer que recebi o convite para colaborar com esta revista, que tem como principal fundamento a valorização do capital humano. É uma iniciativa de salutar e cujos conteúdos servirão, com toda a certeza, para promover as boas práticas e o conhecimento das iniciativas dos vários parceiros.

Também por isso mesmo não poderia deixar de corresponder ao convite que me foi endereçado.

E nesta primeira abordagem gostaria de me debruçar sobre o voluntariado e sobre a sua importância nas sociedades atuais. Não é de hoje o interesse que desperta o voluntariado para as sociedades desenvolvidas. Desde logo pela solidariedade e altruísmo que se expressa através da ação de cada um dos voluntários como um forte instrumento na deteção de problemas que carecem de resolução e na chamada de atenção da comunidade para eles. Por outro lado, não será demais lembrar que o voluntariado é parte da essência do terceiro setor e que à medida que se for favorecendo o amadurecimento do terceiro setor, maior autonomia ganhará a sociedade civil face ao Estado, potenciando-se, por esse aprofundamento, a vitória da liberdade individual e comunitária sobre o proverbial paternalismo, de raízes tão fundas em muitos países, como Portugal.

A dependência sistemática do Estado é um dos mais perigosos atentados à capacidade de tomarmos nas nossas mãos a condução do nosso próprio destino, pelo que o aumento da participação do esforço solidário no desenvolvimento de uma verdadeira economia alternativa acabará por fortalecer os próprios laços de pertença de cada uma das pessoas à sua comunidade, constituindo-se o voluntariado, nessa medida, como uma marcante e multiplicadora força produtiva e genuíno capital.

De resto, é hoje absolutamente adquirido que o terceiro setor é mais forte nos países desenvolvidos do que naqueles em vias de desenvolvimento. E pode, aliás, sugerir-se que um terceiro setor forte e ativo representem um poderoso fator de humanização e solidariedade em economias abertas, prósperas e competitivas. E por isso mesmo, nesta fase tão peculiar da sociedade portuguesa, que importa valorizar e reforçar o voluntariado, esse trabalho que tem como característica diferenciadora a ausência de remuneração e a sua inserção direta na comunidade local.

Apesar das potenciais contradições geradas pelo contexto atual da economia, o protagonismo das atividades de voluntariado aumentou nos últimos tempos e temos a certeza que a participação em organizações voluntárias fez diminuir ou reverter variadíssimos processos de exclusão. Muitos dos voluntários encontram a sua identidade e o reconhecimento pelo seu desempenho coletivo, que de outra forma não lhes seria permitido. Mais ainda, assumem compromissos, submetem-se a regras coletivas e ficam dotados de algumas aptidões pré-laborais. O trabalho voluntário surge, assim, não só como espaço de cidadania, mas também como recurso para a inovação.

E é por isso mesmo que entendo que as razões mobilizadoras, subjacentes ao trabalho voluntário, fazem levantar o véu sobre duas componentes fundamentais:

- **Pessoal** - doação de tempo e esforço como resposta a uma inquietação interior que é levada à prática;

- **Social** - confronto com a realidade que leva à luta por um ideal e ao comprometimento por uma causa.

Ora, no contexto atual, a ação voluntária ganhou um novo entendimento e importância, sendo certo que as iniciativas englobam várias áreas, organizadas pelas mais variadas entidades públicas e privadas, e incluem tarefas de caráter social, económico e pedagógico, que podem ser prestadas por profissionais, desempregados, reformados, estudantes, etc.

Mais, se o voluntariado é circunscrito, para muitos, à esfera íntima da ação social de cada um, convém que alertemos a sociedade de que o voluntariado é também um fenómeno que transcende essa dimensão estritamente individual, em face das vantagens sociais que dele resultam para a comunidade, tornando-o naturalmente merecedor de uma cuidada e especial atenção pelos benefícios globais que o mesmo acarreta para todos.

É hora de todos termos o coração Gigante...

Rui Barreira
Diretor do Centro Distrital da Segurança Social de Braga



VOLUNTARIADO NO MUNDO ATUAL

“Os únicos bens duráveis, imutáveis e sem preço, são o afeto e a solidariedade de que se sentem pelas pessoas queridas.”

Isabel Vieira

A globalização não pode confundir territórios e pessoas. Esta identidade tem criado vários movimentos que fundamentaram a criação de associações de desenvolvimento e de cooperação, com intervenção à escala planetária, em diferentes esferas de intervenção ambiental, cultural e social.

Aquela que a história mais nos habituou prende-se com a ação humanitária e de emergência. Ninguém consegue ficar indiferente aos efeitos da guerra, da fome e das intempéries, mas na verdade só alguns decidem minorar estes prejuízos, estas perdas. Sensibilidade e bom senso tem guiado homens e mulheres que decidem apoiar populações e proteger territórios.

Esta é uma visão transversal e dominante do voluntariado e por vezes esquecemo-nos que num raio muito próximo, o mesmo acontece. Por certo faltou documentar, organizar e valorizar ações solidárias e altruístas que grupos organizados, anónimos, desenvolveram em determinado tempo, em determinado lugar. Acreditamos que a legislação rompeu com esta “clandestinidade” e abriu novos caminhos para o exercício do voluntariado responsável, com nota pública, pelo valor económico e social que traduz.

Não se trata de um exercício intelectual de procurar as primeiras causas ou os fins últimos, limitamo-nos a compreender a ação humana do ponto de vista racional, no reforço da cidadania e da sociedade civil.

É nesta linha que o Plano de Desenvolvimento Social e da Saúde 2015 (PDSS) prioriza três eixos de desenvolvimento que reconhecem nos vetores traçados para a cidadania e para a criatividade as verdadeiras forças motrizes capazes de alavancar o ciclo da parceria.

A qualidade de vida e o bem-estar das populações são o garante da coesão e do progresso. É neste clima que se aproximam as entidades e os cidadãos e somos capazes de desenhar e construir projetos sustentáveis e credíveis.

Como em qualquer organização, as redes servem para proteger e fortalecer as interações, subscritoras de decisões conscientes a favor de um coletivo. Também aqui o voluntariado assume um papel e uma função primordial na humanização do serviço prestado, no prolongamento da ação, na inovação que introduz aos processos e no respeito ímpar dos valores sociais.

O equilíbrio reside na capacidade de envolver diferentes intervenientes, tornando multidisciplinar a intervenção. No ano dedicado ao envelhecimento ativo, é imperioso devolver aos seniores a vitalidade que lhes pertence, através da promoção da autonomia e da valorização dos seus saberes e experiências. A boa prática reside em criar espaços e tempos de participação para aqueles que entendam auto-organizar-se e cooperar, que não excluam aqueles que o mercado de trabalho já não absorve e/ou que os traços da idade fogem ao padrão dominante, fácil de consumir.

Ser-se sénior ativo é também encontrar na ação voluntária uma missão, um objetivo, uma motivação, uma satisfação. A solidariedade entre gerações pode sair fortalecida em projetos de voluntariado que mereçam o reconhecimento público, incluindo das entidades privadas.

Ana Maria Silva
Vereadora do Pelouro da Ação Social e Saúde Pública



POLÍTICA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O GRACE E O VOLUNTARIADO EMPRESARIAL



O GRACE assume-se cada vez mais como um espaço de intervenção em áreas que permitem o desenvolvimento de iniciativas empresariais com impacto em matéria equidade social. Assim, é preocupação do GRACE, enquanto representante das largas dezenas de empresas associadas constituir parte da solução para toda uma variedade de questões que, desde a área social à ambiental, à cultural ou à desportiva, são abordagem na interação diária com as empresas.

No âmbito de atuação do GRACE surge, pois, o voluntariado como manifestação evidente da conjugação de empenhos de todo um somatório de colaboradores de empresas, que cada vez mais fazem questão de partilhar a sua capacidade e aptidões, mas também em conhecimento e competências com tantos outros que de tamanha atitude podem beneficiar.

O GIRO é disso um bom paradigma. A verdade é que, em 12 anos de atividade do GRACE foi já possível levar a efeito 81 ações de voluntariado com mais de 3.000 colaboradores voluntários. Significa isto um impacto em 13 mil beneficiários, resultante de 50 mil horas de voluntariado das nossas empresas. Posto isto, não restam dúvidas. “Voluntariar” faz a diferença. Garantem-nos os voluntários das quase 100 empresas associadas

do GRACE que, ação após ação, sentem inequivocamente o verdadeiro efeito da transformação após um dia de voluntariado. Ao longo dos anos, e também porque depois de uma experiência de voluntariado, a relativização das dificuldades diárias em contexto laboral é um facto real, tem vindo a aumentar o número dos que afirmam que a intervenção daquele dia foi necessariamente prolongada no espaço e no tempo. Sendo comum ouvir-se que as “pessoas se sentem melhores pessoas” depois de tais incursões voluntárias, é fácil entender que são sinceras ao partilharem conosco a sua nova forma de encararem o outro... e o mundo... também na componente de interação profissional, neste que é um movimento de crescimento pessoal.

*Conceição Zagalo,
Presidente do GRACE*

RESPONSABILIDADE SOCIAL NA FRULACT

A Política de Responsabilidade Social e de Desenvolvimento Sustentável da Frulact reflete as nossas preocupações segundo um modelo, que simplificado pode ser descrito pelo triângulo “People, Planet, Profit”, ou seja, preocupação com as pessoas, o ambiente e o crescimento auto-sustentado dos negócios.

O Grupo Frulact, está presente com unidades industriais em 5 países diferentes, e em dois continentes, tem como uma das suas orientações de base, servir e promover o desenvolvimento económico e social das regiões onde se insere, entendendo que o acolhimento que nos é oferecido para desenvolvermos a nossa atividade económica, deverá sempre merecer, suporte social através de uma estratégia clara de desenvolvimento sustentável.

Alguns exemplos de projetos e ações que levamos à prática

Com o “focus” na Comunidade, deixamos aqui alguns projetos e ações que vamos desenvolvendo de forma entusiasta, transformando a nossa organização, numa família que vai reforçando a sua cultura e o seu sentido altruísta e de partilha. Com o contributo individual para o bem coletivo, estaremos todos nós a construir uma sociedade mais justa.

Em parceria com a Universidade Católica, e na Escola Superior de Biotecnologia, lançamos pela primeira vez em Portugal uma **Cátedra Académica** a partir do exterior, à que se deu o nome do nosso fundador, o **Comendador Arménio Pinheiro Miranda**.

Este projeto teve como objetivo atrair os jovens para a formação académica superior no processamento alimentar, e que tivesse aplicação e utilidade práticas na indústria alimentar para o desenvolvimento de competências e de capacidades na inovação e para a competitividade da mesma. Esta ação inseriu-se na lógica do **mecenato científico**, e foi completada com a atribuição de bolsas de estudo para a investigação em programas de mestrado e doutoramento, e ainda a **atribuição de Prémios de Inovação** para os melhores trabalhos realizados por **investigadores concorrentes a temas lançados pela Frulact** e correspondentes a necessidades sociais e comerciais.

Em Roriz, Barcelos, local a que estão ligados por nascimento e vivência social os fundadores e acionistas do Grupo Frulact, foi criado por diversas pessoas, e com o forte contributo do Comendador António Simões, o **Centro Social Zulmira Pereira Simões**. Esta IPSS tem merecido, pela nossa empresa, todo o suporte e apoio, no sentido de serem desenvolvidas dinâmicas de apoio social aos mais desprotegidos. Este projeto pretende encontrar soluções inovadoras e disruptivas, capazes de promoverem as desejáveis eficiências coletivas, e ser consolidado um verdadeiro projeto social, baseado em critérios de sustentabilidade e empreendedorismo social.

Este projeto pretende ser uma resposta da sociedade civil à situação cada vez mais dramática em que vivem hoje as famílias, com consequências inevitáveis no correto suporte e apoio às crianças e jovens, à população mais idosa ou aos doentes. É com grande entusiasmo que vamos desenvolvendo este trabalho ao nível concelhio, não restringindo a nossa ação a Roriz. É gratificante, sentirmos que o tempo e trabalho que temos dedicado às Crianças e Jovens em Risco do Concelho de Barcelos, sendo um trabalho silencioso, nos vai demonstrando que a vontade e empenho de quem quer ajudar, é mais importante e eficaz que investimentos em infra-estruturas que esgotam recursos financeiros que poderiam ser alocados para ações direcionadas como esta.

Mas também é com regularidade que o Grupo Frulact executa o seu programa anual de donativos, atribuindo verbas e entregando alimentos a variadas instituições de proteção e suporte social, como é por exemplo o Banco Alimentar contra a Fome, ou então, de forma mais direcionada, através dos Municípios e suas Redes Sociais, nomeadamente no Porto, Maia, Covilhã e Barcelos. Também no apoio a escolas e jardins-de-infância, e até participando na construção de infra-estruturas sociais, como é exemplo a recente construção em Lavra, Matosinhos, de uma creche na qual patrocinamos uma sala de aulas.



Com o “focus” no interior da nossa organização

Promovemos e financiamos programas de mestrado e de doutoramento aos nossos colaboradores, bem como em programas de formação ao longo da vida, tendo chegado já à fasquia de 50% do efetivo total neles envolvidos.

Damos cobertura aos programas de estágio profissional promovidos junto do Instituto do Emprego e Formação Profissional, sendo uma das empresas em Portugal, que mais tem contribuído para reter sob contrato de trabalho os jovens estagiários após o estágio. Incentivamos as experiências socioprofissionais em ambiente internacional, garantindo as condições ótimas de expatriamento de colaboradores e suas famílias, promovendo a interculturalidade.

Damos condições quotidianas para os nossos colaboradores poderem desenvolver a qualidade de vida familiar e a educação dos seus filhos. Mais alguns outros factos poderiam ser relatados, no entanto queremos neste texto dar relevo e distinguir os casos que refletem a importância que damos às Pessoas.

Das Pessoas para as Pessoas, numa redescoberta da **Humanidade** e da transcendência do que o **ser solidário e responsável social** comportam a partir da **empresa como organização** de criação de Valor que o é, e a sociedade em geral poderá confirmar.

*João Miranda
Presidente Conselho de Administração da Frulact*



P&R TÊXTEIS - S.A.

“Não existe outra via para a solidariedade humana senão o próximo e o respeito da dignidade individual”

Pierre Leconte Du Nouy

A Responsabilidade Social na P&R Têxteis já tem uma longa tradição. Procuramos estabelecer com os nossos clientes, fornecedores, entidades oficiais e instituições, um diálogo aberto.

Apoiamos diferentes áreas de intervenção como projetos humanitários, educativos e desportivos da sociedade civil, não só na zona envolvente (em Barcelos), mas também ao nível nacional e internacional sob a forma de subsídios financeiros, donativos em espécie e através do trabalho pessoal.

É entendimento da empresa que, mais do que o patrocínio de ações de Responsabilidade Social, a P&R Têxteis deve ser um promotor do envolvimento de todos os seus colaboradores, clientes e parceiros, para que se tornem melhores cidadãos.

DESPORTO

A missão da empresa na comunidade está vocacionada para o apoio ao desporto nacional e à prática desportiva na vertente da formação e competição. Acreditamos que é fundamental o apoio ao desporto e ao fomento da prática de hábitos saudáveis de vida, como “Educar para o saber, saber fazer e saber estar no desporto e na vida” e também “Motivar os jovens para o sucesso escolar e desportivo”.

AMBIENTE

A P&R Têxteis tem consolidado o processo de reciclagem e as práticas de racionalização do consumo de energia.

EDUCAÇÃO

Atualmente a P&R Têxteis e os seus colaboradores apoiam (apadrinham) 10 crianças em Moçambique, proporcionando-lhes condições essenciais que permitem a sua formação escolar.

AJUDA HUMANITÁRIA

Apoio a projetos humanitários de saúde e assistência a doentes.

Recentemente a empresa P&R Têxteis tornou-se certificada na norma SA8000, Responsabilidade Social, reforçando desta forma os compromissos livremente assumidos junto dos seus colaboradores e parceiros de negócio. Acreditamos que com o envolvimento de toda a equipa cumpriu-se o objetivo traçado pela gestão da empresa: obter a certificação até ao final de 2011.

Neste sentido, acreditamos que as empresas podem e devem assumir na sociedade um papel mais amplo, para além da sua vocação básica de criação de riqueza. O apoio a causas humanitárias, educativas e desportivas são um investimento para a empresa e para a comunidade, sendo também um gesto de retribuição.

*A Administração da Empresa
P&R Texteis - S. A.*



SOLIDARIEDADE NATURAL

MARCA SOCIAL

Fazer a diferença
de maneira diferente

O Centro Zulmira Pereira Simões – Instituição de Solidariedade Social de Roriz (CZPS), foi fundado a 25 de Setembro de 2008. Este projeto é uma resposta da sociedade civil, atenta aos desequilíbrios sociais, e à necessidade premente da intervenção junto da comunidade, prestando suporte à família, principalmente aos idosos, crianças e pessoas em dificuldade.

Atendendo aos propósitos, objetivos e preocupações da sociedade civil, o CZPS propôs-se desenvolver um projeto Inovador, Estruturante e Socialmente Envolvente, que se transforme num projeto de demonstração, marcado por novas abordagens e soluções necessárias às carências sociais, baseado em critérios de Sustentabilidade. Agrada-nos ser reconhecidos como uma Instituição capaz de promover e influenciar as boas práticas de gestão deste tipo de projetos na área social e sermos exactamente aquilo que nos vão pedindo: Um projeto exemplar e de demonstração, que se baseia nos três grandes pilares do Desenvolvimento Sustentável



Como suporte à sustentabilidade, o CZPS decidiu, em 2009, criar uma Marca com um forte cariz social mas que simultaneamente oferecesse algo diferenciador, sem nunca esquecer a questão associada ao “goodwill”.

Esta foi uma das formas encontradas para irmos apoiando as famílias carenciadas e suportando os custos de funcionamento.

Ter uma Marca com um forte cariz social mas que simultaneamente ofereça algo diferenciador, promovendo a sustentabilidade e a partilha, ancorada na responsabilidade social das empresas e das suas marcas.

“Solidariedade Natural” são duas palavras que representam todos os valores que dão sentido a este projeto. Duas palavras que têm um cariz de preocupação, de unicidade e de dedicação. Duas palavras que ao serem associadas uma à outra, criam uma expressão que representa algo construído, plantado, criado e pacientemente concretizado... é este o percurso que nos propomos trilhar!

Com esta Marca, o CZPS iniciou o projeto-piloto em Março de 2011 numa iniciativa conjunta com o Minipreço de Roriz. Através deste ponto de venda, oferecemos produtos de reconhecida qualidade, de marcas parceiras que se associaram ao projeto CZPS em co-branding com a Marca Social “Solidariedade Natural”, oferecendo-nos os seus produtos. As marcas associam-se assim a uma iniciativa socialmente responsável. O consumidor reconhece a marca e a importância de comprar um produto com selo “Solidariedade Social”. O CZPS tem com este projeto, a possibilidade de obter o suporte financeiro para o seu funcionamento, bem como distribuir gratuitamente bens pelas pessoas mais carenciadas, ou reinvestir na área social todos os proveitos resultantes desta iniciativa.

Depois da fase de teste, hoje o CZPS está numa fase de consolidação da relação com os seus parceiros.

Neste momento este projeto visa ajudar a intervir ativamente na comunidade por um equilíbrio social, ou seja, ajudar quem necessita através do Cabaz Solidário e também para Angariação de Fundos para o Projeto CZPS.

As reacções positivas e a adesão dos parceiros fazem-nos pensar que vale a pena continuar a inovar nas abordagens, e motivam-nos a explorar novas alternativas, que enquadradas na responsabilidade social das empresas, e no envolvimento da sociedade civil, garantam respostas de suporte aos mais desprotegidos.

O CZPS prepara-se agora para dar mais um passo e vai lançar a sua loja online, onde serão disponibilizados todos os produtos associados em co-branding à marca “Solidariedade Natural”. A plataforma e-Commerce será a fusão de dois conceitos, o da solidariedade e da responsabilidade social. Assim, para além dos pontos já existentes de venda (Minipreço de Roriz, CZPS) teremos a Loja Online. Esta estará alocada no Site institucional www.czps.org, onde poderão brevemente registar-se e proceder à encomenda dos produtos que desejar. Todo este projeto só é possível graças ao forte sentido de responsabilidade social das empresas com quem vamos trabalhando, que facilmente se revêem no projeto do CZPS.

A Direcção do CZPS



PROJECTO IMAGEM

Mizé - Cabeleireiros

Salão Ideal - Cabeleireiro de Homens

Rosa Araújo Cabeleireiro

BARCELOS A SORRIR

Clinica de Medicina Dentária Praça da Matriz, Lda.

New-Dente, Clínica Dentária, Unipessoal, Lda.

Médico Dentista - João Pimenta, Lda.

Médico Dentista - Walter Teixeira da Cunha Júnior

PROJETO IMAGEM

Eu, Maria Martins (Mizé), tomei conhecimento que a Ação Social da Câmara Municipal de Barcelos (CMB) desenvolve parcerias com entidades privadas locais a fim de apoiar pessoas carenciadas do concelho.

Como empresária e cabeleireira profissional considerei um projeto interessante e para o qual senti que poderia contribuir, ajudando a melhorar a imagem e consequentemente a auto-estima das mulheres do concelho que se encontram em situação de carência.

Ajudar os outros, em especial aqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade é um dever de todos e eu como cidadã e cabeleireira sinto-me muito feliz em poder contribuir para melhorar a imagem destas senhoras.

A partir do momento que somos empresários ou figuras públicas e que temos a capacidade e disponibilidade de ajudar a divulgar o trabalho dos outros em prol da sociedade, na tentativa de melhorar a vida dos outros, é nossa obrigação sermos parte ativa desta sociedade.

Por isso assinei o protocolo e tenho vindo a desenvolvê-lo com satisfação. Neste sentido, desafio outros empresários a aderir a idênticos projetos e a apadrinhá-los.

Muito Obrigada!

Mizé

BARCELOS A SORRIR

Um dia o meu filho André, médico dentista trabalhando na minha clínica disse-me:

“Chegou a hora de sermos solidários na terra onde trabalhamos e a quem muito devemos... Já viste quantos desdentados existem na nossa cidade? E sem hipóteses económicas de colocarem próteses dentárias? Vamos ajudá-las...”

Pensamos muito sobre qual seria a entidade que nos podia ajudar na seleção e triagem dos candidatos. A Igreja? A segurança social? Depois de muita reflexão pensamos que deveria ser a Câmara Municipal de Barcelos, através do pelouro da ação social. Encontramos na Dra. Ana Maria, vereadora dessa área, a melhor compreensão e disponibilidade, assim como em todo o executivo.

Pensamos que o projeto deveria ser aberto às clínicas que quisessem colaborar. Algumas (poucas!...) o fizeram, demonstrando uma responsabilidade social ímpar.

O projeto está em andamento, tendo que ser limadas algumas arestas que a juventude do mesmo ainda não burilou.

No entanto, pela nossa parte, achamos que valeu a pena, e é com muita alegria que partilhamos a alegria de alguns que voltaram a sorrir e a comer. E voltaram também a ter a capacidade de se inserirem na sociedade.

Parafraseando Madre Teresa de Calcutá:

“Muitas vezes as pessoas são egocêntricas, ilógicas e insensatas. Perdoe-as assim mesmo! Se você é gentil, podem acusá-lo de egoísta, interesseiro. Seja gentil assim mesmo! Se você é um vencedor terá alguns falsos amigos e alguns inimigos verdadeiros. Vença assim mesmo! Se você é bondoso e franco poderão enganá-lo. Seja bondoso e franco assim mesmo! O que você levou anos para construir, alguém pode destruir de uma hora para a outra. Construa assim mesmo! Se você tem paz e é feliz, poderão sentir inveja. Seja feliz assim mesmo! O bem que você faz hoje, poderão esquecer-lo amanhã. Faça o bem assim mesmo! Dê ao mundo o melhor de você, mas isso pode nunca ser o bastante. Dê o melhor de você assim mesmo! Veja você que, no final das contas é entre você e Deus. Nunca foi entre você e os outros!”

João Pimenta



HABITAT FOR HUMANITY — PORTUGAL

“Nós construímos mais do que casas.
Nós construímos felicidade.”

Estas palavras do fundador da Habitat Internacional, Millard Fuller, tornam-se reais cada vez que entregamos uma casa nova ou reparada a uma família. Esses dias de festa são sempre repletos de lágrimas de alegria.

Aqui partilhamos alguns depoimentos de famílias beneficiárias da Habitat em todo o mundo, alguns proferidos por famílias portuguesas que apoiámos:

“Estou no Céu, quando morrer posso ir para qualquer sítio, porque nesta casa nova já vivo no Céu”.

“Sempre que vejo edificar uma nova casa Habitat, os meus olhos enchem-se de lágrimas, porque percebo que o sonho de outra pessoa se está a tornar realidade.”

“Cada azulejo, pedaço de madeira ou marca de pincel nas paredes desta casa me farão recordar as pessoas simpáticas, dedicadas que aqui trabalharam voluntariamente, porque elas escolheram fazer parte da vida da minha família.”



“A nossa casa, a nossa própria casa! É impossível descrever o que sinto.”

“Não é preciso ter dinheiro para ser feliz e educar crianças saudáveis, mas é preciso ter uma casa segura e limpa, uma casa onde as crianças podem levar os amigos sem se sentirem embaraçadas devido à sua condição.”

“É um sentimento fantástico ver uma nova casa Habitat proteger uma família Habitat, mas nada é mais gratificante do que ver uma criança desenvolver-se de modo muito mais harmonioso do que antes era previsível, apenas porque agora vive numa casa Habitat.”

“A nossa casa nova transformou-nos numa verdadeira família. Agora já não existimos apenas: vivemos!”

“Não recebi apenas uma casa limpa, saudável e bonita, sou uma nova pessoa.”

E todos dizem:

“É o dia mais feliz da minha vida”



Na Associação Humanitária Habitat – Braga, a sede nacional desta Organização Não Governamental (ONG), partilhamos os princípios desta organização espalhada por dezenas de países em todo o mundo. Todos queremos quebrar o ciclo de pobreza, por isso juntamos voluntários que constroem casas, comunidades e esperança. Lutamos por um mundo onde todas as pessoas tenham um lugar decente onde viver.

Com a ajuda de voluntários, donativos, doações de materiais nascem casas de muito baixo custo, cabendo à família beneficiária um pagamento mensal de acordo com as suas possibilidades, durante vários anos, até que o custo real da casa, sem lucros ou juros, seja devolvido à Associação.

A Habitat edifica, neste momento, uma habitação, em Vila Boa, para seis pessoas, mãe viúva e cinco filhos com idades compreendidas entre os 8 e os 24 anos. No concelho de Barcelos o historial da intervenção da Habitat for Humanity é o seguinte:

Casas construídas de raiz: Manhente e Faria;

Renovações: Paradela e Manhente

Reparações de menor envergadura: Carapeços, Vila Frescaíña, Bastuço S. João

Futuro projeto – Adães, onde a nossa ação consiste nos acabamentos interiores e exteriores de uma casa para uma família de 4 elementos, sendo que os 2 filhos do casal, ambos maiores, são portadores de deficiência.

A nossa parceria com a Rede Social de Barcelos fará, certamente, aumentar muito a nossa colaboração com as famílias Barcelos.

Queremos passar a palavra para conseguir cada vez mais ajudas e donativos, mais voluntários que nos ajudem a reduzir a carência habitacional em Portugal.

*Helena Pina Vaz
Presidente da Direção*

Associação Humanitária Habitat

MEDIDAS PARA A INCLUSÃO

“Entendo que solidariedade é enxergar
no próximo as lágrimas nunca choradas
e as angústias nunca verbalizadas.”

Augusto Cury

BANCO ALIMENTAR DE BRAGA

A alimentação é um recurso fundamental para a sobrevivência do ser humano. Desde que ocupa a Terra que o homem procura a sua alimentação, começou por ser caçador e em seguida aprendeu a cultivar a terra.

A alimentação esteve no cerne dos processos de formação de identidades coletivas, no plano das civilizações, a nível social ou mesmo familiar.

O alimento é elemento de vida. Alimentar-se é a primeira necessidade tanto para o rico como para o pobre.

Para uma grande parte da humanidade que vive na miséria, a procura de comida é um combate quotidiano que mobiliza a maior parte das energias e impede o desenvolvimento harmonioso da pessoa humana e a procura de um projeto de vida na sociedade. Todo o ser humano tem o direito a uma alimentação suficiente.

Trata-se de um direito natural reconhecido em todas as civilizações e está consagrado na Declaração Universal dos Direitos do Homem desde 1948. Concretizar este direito a uma alimentação adequada é essencial para a luta contra a pobreza.

Portugal é um dos países da Europa com maior taxa de pobreza. Um quinto dos portugueses vive com menos de 360,00 €/mês e, apesar dos apoios sociais do Estado, há 2 milhões de portugueses no limiar da pobreza.

Quando sabemos que existem pessoas ao nosso lado com carências alimentares gravíssimas, idosos que vivem apenas com o que lhes resta das reduzidas pensões de reforma depois de compra-

dos todos os medicamentos de que necessitam, crianças que só comem o que lhes é dado nas creches ou ATL's, poderemos assistir impávidos?

Face a esta realidade, não podemos cruzar os braços à destruição diária de milhares de quilos de alimentos; daí a ação dos Bancos Alimentares que têm como principal objetivo tentar minimizar as carências alimentares daqueles que vivem ao nosso lado, através da recolha dos excedentes alimentares. Efetivamente, um dos pontos-chave da atuação dos Bancos Alimentares assenta numa Logística cuidadosamente estudada e implementada: numa cooperação eficiente entre um grande número de empresas e entidades que fazem parte da Cadeia de Abastecimento e reconhecem que se estabelecerem entre si uma rede estruturada, poderão desempenhar um papel ativo na luta contra a pobreza em Portugal.

Os Bancos Alimentares lutam contra a destruição de alimentos recolhendo produtos em perfeito estado de consumo para os distribuir através de instituições a pessoas que têm fome de pão e de afeto, para que possam reencontrar a dignidade muitas vezes perdida, a auto-estima que as impede de sair do ciclo de pobreza em que muitas vezes nasceram.

Esta missão só pode ser levada a cabo com a atitude responsável de numerosas pessoas que, no exercício das suas funções e, preocupados com o bem comum, com a justiça social, incorporam a responsabilidade social, a cidadania empresarial nas suas decisões de gestão.

Não poderemos nunca saber se todas as situações de pobreza serão definitivamente erradicadas um dia. Cada um de nós pode, no entanto, contribuir para as minorar procurando envidar todos os esforços ao seu alcance para isso.

A lógica da sociedade de consumo em que vivemos não pode fazer-nos esquecer que a pobreza existe e que cada um de nós tem a obrigação, como construtores dessa mesma sociedade, de aceitar o desafio de inverter a situação através da criação de respostas inovadoras, eficazes e solidárias. Ou, em complemento, através da

participação em ações que existam.

Os Bancos Alimentares Contra a Fome são compostos por pessoas de boa vontade que, juntando os seus esforços de uma forma voluntária, pretendem minorar o problema da fome numa região definida;

A sua missão é lutar contra o desperdício de alimentos fazendo a ponte entre a abundância e a escassez, indo “buscar onde sobra para entregar onde falta”; Não dependem do Estado nem da Igreja, o que lhes permite ter autonomia de expressão e ação, sem a interferência de interesses alheios aos que não sejam os princípios pelos quais se rege toda a sua atuação: a Carta dos Bancos Alimentares.

A Ação dos Bancos Alimentares assenta na gratuidade, na dádiva, na partilha, no voluntariado e no mecenato.

Os Bancos Alimentares recusam o primado do dinheiro e a sua abordagem inscreve-se numa lógica de promoção de uma solidariedade ativa e responsável.

Conscientes de que a pobreza não tem a sua única expressão na situação de privação de alimentos e que esta inclui a não satisfação de outras necessidades básicas - como a habitação, a saúde, o vestuário, a educação, a qualificação profissional ou outras, os Bancos Alimentares Contra a Fome estabelecem parcerias com outras instituições de solidariedade social que, pelo facto de se encontrarem muito próximas da população, conhecem as suas reais necessidades.

O objetivo dos Bancos Alimentares não é substituir as instituições enquanto agentes ativos na alteração das situações de pobreza, mas sim apoiá-las com produtos alimentares, otimizando e ampliando a sua ação, libertando recursos que lhes permitam melhorar a qualidade dos serviços prestados à comunidade que apoiam, e, por vezes, até criar outras respostas para as necessidades das pessoas carenciadas que assistem.

Assim, os produtos alimentares entregues gratuitamente aos Bancos Alimentares são distribuídos por instituições de solidariedade



social que, por sua vez, os fazem chegar às pessoas comprovadamente carenciadas, através de refeições confeccionadas e/ou distribuição de cabazes de alimentos por confeccionar.

O crescimento e desenvolvimento dos Bancos Alimentares Contra a Fome é consequência direta da credibilidade obtida pelo projeto, obtida pela conjugação de características e práticas que permitem a prossecução dos seus objetivos – rigor (controlo das instituições), transparência (contas efetuadas por uma empresa idónea, auditorias e distribuição do relatório e contas), disponibilidade (porta aberta), inovação (produtos marca própria, programa peixe, campanha vale, campanha “papel por alimentos”), eficácia (quantidade de alimentos distribuídos e nº de pessoas apoiadas) solidez (em atividade há 16 anos mantêm a tendência de crescimento) gratidão (a todos quantos contribuem para o sucesso do projeto).

Os Bancos Alimentares são um excelente exemplo de como a união das boas vontades de empresas doadoras, doadores financeiros, voluntários e instituições de solidariedade social pode, de forma coordenada, gerar resultados muito superiores aos que seriam obtidos se cada um desses agentes da solidariedade resolvesse agir isoladamente.

O importante é o comprometimento e o reconhecimento de que cada um de nós pode fazer a diferença com a sua forma de estar na vida e com as suas opções.

	Toneladas de alimentos	Instituições	Pessoas ajudadas
Ano 2008	28	26	1776
Ano 2009	296	55	3896
Ano 2010	435	90	7407
Ano 2011	567,5	93	10017

Graças ao empenho de todos quantos de facto acreditam que a resposta para a construção de um mundo melhor começa por cada um de nós, foi possível obter os seguintes resultados no Banco Alimentar de Braga, desde a sua criação, em Outubro 2008. O concelho de Barcelos tem participado ativamente nesta “cadeia” de solidariedade, quer através de empresas doadoras, doadores financeiros, dádavas de particulares, voluntários e instituições de solidariedade social.

O envolvimento da população do concelho de Barcelos manifesta-se de uma forma mais intensa nas datas da realização das campanhas nacionais de recolha de alimentos levadas a cabo pelo Banco Alimentar, mas que apenas são possíveis devido à participação dos milhares de voluntários envolvidos e da solidariedade de todos quantos contribuem com as suas dádavas em alimentos.

No concelho de Barcelos e na última campanha realizada, dias 26 e 27 de Novembro de 2011, foram recolhidas 16.026 kilos de alimentos, em 9 superfícies comerciais, com o envolvimento de cerca de 300 voluntários.

A espinha dorsal do funcionamento dos Bancos Alimentares assenta no trabalho de voluntários que, com verdadeiro espírito de missão, desempenham as mais variadas tarefas indispensáveis ao bom funcionamento de toda esta organização. O seu esforço, empenhamento e capacidade de entrega, têm permitido o crescimento

dos Bancos Alimentares e o alargamento da sua ação a um número crescente de pessoas carenciadas.

Ser voluntário não é só ajudar uma pessoa menos favorecida: é querer estar envolvido como participante em ações concretas; é um modo de estar na vida, por via da qual a participação ativa e responsável nas diversas estruturas da sociedade é um imperativo de cidadania; é exercício de civismo e de co-responsabilidade pelo bem comum.

Todos podemos ser voluntários no exercício das nossas profissões: basta deixar acender a centelha....

A luta contra o desperdício, repito, é um elemento motor na ação dos Bancos Alimentares Contra a Fome. Vivemos numa sociedade que desperdiça muitas das suas riquezas e dos seus valores já que a abundância dos seus bens, embora mal distribuído, lhe faz esquecer a importância de cada um e a forma como deve ser otimizado para o bem comum.

A nível alimentar registam-se importantes perdas de produtos nos setores da produção, da transformação, da distribuição, do consumo pessoal e coletivo sem qualquer perturbação das consciências, embora se trate de bens indispensáveis à vida de cada homem e uma parte da humanidade se encontrar dela privada.

Ora, a alimentação não é comparável a mais nenhum bem: está intimamente ligada à existência do ser humano, faz parte integrante dele, traz-lhe todos os dias os elementos de vida e, por isso mesmo, adquire um valor que nenhum outro bem de consumo pode ter. Merece o respeito e reveste até um aspeto “sagrado” em muitas civilizações. Ao desperdiçamos um bem alimentar em bom estado, fazendo ele falta a um ser humano, cometemos uma injustiça.

É portanto preciso incutir em cada cidadão o valor e o respeito pelos bens alimentares, a forma de lhes dar a utilização mais correta tanto por si próprio como pelas pessoas que deles se encontram privadas. Só dessa forma será possível desenvolver o espírito de partilha, promover o bem comum.



Hoje, mais do que nunca, dada a dimensão mundial que a pobreza e a questão social assumiram, há que ter atenção pelas pessoas com fome, sem casa, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor. Os pobres, infelizmente, em vez de diminuir, multiplicam-se, não só nos países em vias de desenvolvimento, mas, naquilo que parecia menos provável, também nos países desenvolvidos.

O desenvolvimento da rede de Bancos Alimentares na Europa demonstra a sua utilidade como proposta alternativa de ação. São uma resposta providencial a angústias das nossas sociedades no que se refere à perda de valores. Mas parece-me necessário refletir um pouco na finalidade da sua ação. Intervêm no setor económico e no setor social, mas objeto final de sua missão, é o homem



pobre, necessitado, excluído, isolado na sua fragilidade material, humana e muitas vezes espiritual.

As sociedades ocidentais têm um défice de sentido e de esperança porque os homens são avaliados pela sua capacidade de produção e de consumo, pelo que os pobres não têm lugar. Os Bancos Alimentares Contra a Fome são uma resposta necessária mas que se pretende provisória, porque se ambiciona – naquilo que é o seu objetivo mais nobre e exigente, mas também porventura o mais difícil de alcançar – quebrar o ciclo da pobreza, procurando que a ajuda que chega aos mais carenciados colmate

não só uma lacuna temporária, mas no essencial permita aos beneficiários encontrar um ponto de partida para uma nova vida digna e autónoma, não dependente de qualquer lógica assistencial.

É, pois, um olhar diferente que cada um de nós deve ter sobre os mais desprotegidos. Chegar a cada um deles, comungar com cada um deles e sentir-se solidário: é partilhando estes valores, individualmente e em equipa, que encontraremos a força criadora que tornará a nossa ação forte e credível.

*Isabel Varandas
Presidente do Banco Alimentar Contra a Fome - Braga*

Se não consegue fazer o milagre da multiplicação dos pães



Faça o milagre da divisão

BOLSA PARA A INCLUSÃO

O Decreto-Lei 115/2006, de 14 de Junho, no artigo 21, número 2, alínea b) permite a adesão ao Conselho Local de Ação Social (CLAS) de “entidades com fins lucrativos e pessoas dispostas a contribuir de modo relevante para o desenvolvimento social local”. Efetivamente, o combate à pobreza e à exclusão social e a promoção do desenvolvimento, com recurso a processos inovadores, pressupõe criatividade na ação e na parceria.

O Plano de Desenvolvimento Social e da Saúde 2015 (PDSS) definiu a implementação do Programa da Bolsa para a Inclusão, com o objetivo de utilizar, subsidiariamente, os recursos endógenos, elevando a autonomia dos parceiros e a celeridade nas respostas, em concreto, no domínio da emergência e do serviço de proximidade. Por outro lado, os fundos comunitários obedecem a regulamentos muito específicos, com prazos dilatados e sujeitos a formatos universais. É neste sentido, que o CLAS de Barcelos procura organizar-se e antecipar ações que promovam o empreendedorismo inclusivo, subscrito na responsabilidade social das e nas empresas. O recurso a “uma montra nacional” de parceiros estratégicos pode proporcionar o verdadeiro “impulso positivo” para a prossecução de projetos imateriais, transversais e longitudinais.

Este exercício salda défices e contribui para o pleno gozo da cidadania, na medida em que imprime e fortalece os três R's, - rede, responsabilidade e rigor na ação social. A qualificação do terceiro setor é uma exigência para o desenvolvimento e para a sustentabilidade deste segmento, logo, a identidade

traduz-se no código genético que cada um dos grupos de intervenção decide ancorar, permeável a uma dose de risco calculada entre a motivação de uns e a satisfação de outros, numa lógica participada e de distribuição de ganhos recíprocos.

Num horizonte mais austero e incerto nasce o apelo ao engenho e à criatividade. As verdadeiras alavancas do efeito diferenciador e detentor de uma “marca social de excelência”, assentam numa malha animada e dinâmica. O apego ao instituído cega as entidades. Esta visão parece querer transformar-se numa missão.

Fomentar uma cultura dominante viva que não belisque, aqui e ali, a humanização dos serviços e a sua sustentabilidade, exige uma atenção redobrada às oportunidades, que muitas vezes são apenas confundidas como “a linha de negócio/financiamento/crédito atrativo”. Alterar o paradigma passa pela aceitação do diagnóstico e pela predisposição à mudança, promovendo transformações conscientes e consentidas e interdependentes, visíveis na estrutura e no funcionamento.

*Carolina Lopes de Castro
Técnica da Rede Social de Barcelos*



BOLSA SOLIDÁRIA DE RECURSOS

No âmbito da Rede Social de Barcelos foi aprovado o Plano de Desenvolvimento Social e da Saúde (PDSS) 2015, que inscreve o Eixo 2 – Coesão Social e Capacitação Institucional.

O Centro Zulmira Pereira Simões contratualizou a ação-tipo (Bolsa Solidária de Recursos) inscrita no Eixo 2, Coesão Social e Capacitação Institucional do Plano Desenvolvimento Social e da Saúde 2015.

O Que é?

A Bolsa Solidária de Recursos consiste na criação de uma plataforma online de gestão dos recursos existentes na comunidade. Os recursos estão organizados em bancos e bolsas, geridos por profissionais das entidades parceiras, na qualidade de co-gestores do Programa.

A Plataforma permitirá uma gestão dos bens e serviços disponíveis à escala local, reforçando as respostas de proximidade e de emergência social.

Este programa responde aos técnicos/cidadãos de uma forma célere, acessível e desburocratizada.

Objetivos

O Programa Bolsa Solidária de Recursos visa:

Criar, ao nível concelhio, uma plataforma online de todos os recursos endógenos: banco local de voluntariado, banco das roupas, dos alimentos, das ajudas técnicas, do material de construção civil, banco do material escolar, farmácia comunitária e demais bancos que possam surgir;

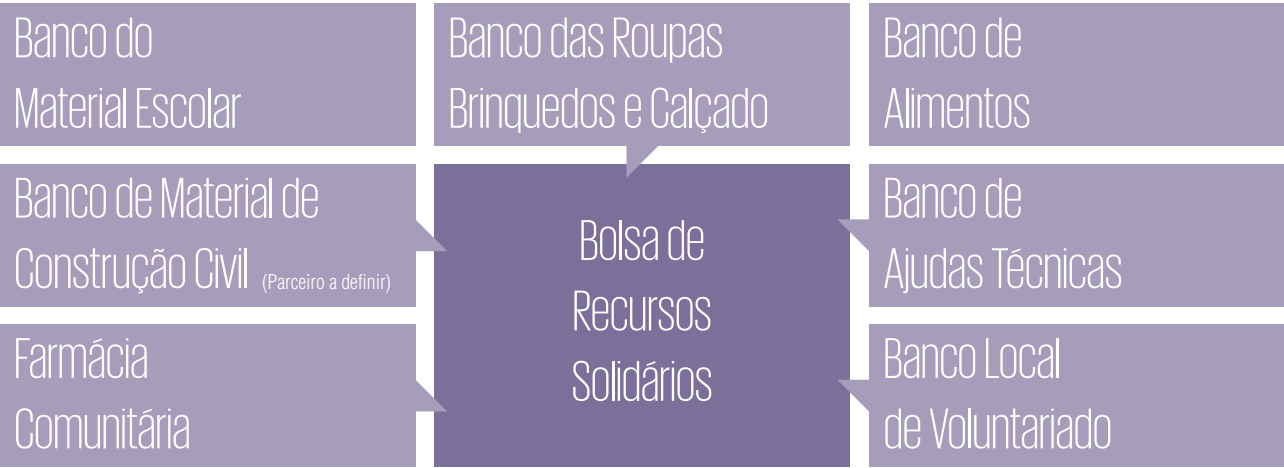
Responder de forma célere e desburocratizada aos recursos endógenos através da requisição de um bem e/ou serviço, privilegiando a proximidade e a emergência social;

Fortalecer a articulação e a co-responsabilização dos parceiros;

Promover e estimular a Responsabilidade Social das empresas e da própria comunidade, abrindo o espaço para a oferta de produtos/serviços;

Melhorar a eficiência coletiva dos recursos existentes no concelho de Barcelos;

Pretende-se, deste modo, reforçar as condições de cidadania, de democracia e participação social ativa, compreendida nas figuras seguintes:



Banco dos Alimentos

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Viatodos
Tel. 252 960 800
bombeiros.viatodos@mail.telepac.pt

Centro Social Cultural Recreativo Abel Varzim
Cristelo - Tel. 253 853 760
centro.a.varzim@mail.telepac.pt

CZPS - Centro Zulmira Pereira Simões
Projecto Solidariedade Natural
Roriz - Tel. 253 887 008
geral@czps.org

GASC - Grupo de Ação Social Cristã
Arcozelo - Tel. 253 816 196
geral@gasc.pt

Banco das Ajudas Técnicas

Associação AVC
Rua Dr. Manuel Pais, nº 113
4750-317 Barcelos
Telefone / Fax: 253 812 547

Associação Humanitária dos Bombeiros
Voluntários de Viatodos
Rua Bombeiros Voluntários, nº 5
4775-270 Viatodos
Telefone: 252 960 800

Casa do Povo de Alvito S. Pedro
Rua da Aldeia, nº 229
4750-084 Alvito S. Pedro
Telefone: 253 880 639

Centro de Apoio e Solidariedade da Pousa
Rua Nossa Senhora da Esperança, nº 1410
4755-915 Pousa
Telefone: 253 913 029

Centro Social de Durrães
Lugar de Souto Vilar
4905-077 Durrães
Telefone: 258 773 894

Centro Social e Paroquial de Barcelinhos
Rua Dr. José Sá Carneiro
4755-055 Barcelinhos
Telefone: 253 831 140

Centro Social e Paroquial de Fragoso
Rua Dr. José António Vieira, nº82
4905-084 Fragoso
Telefone: 258 773 118

Centro Social e Paroquial de Carreira
Praceta Padre Manuel Vieira Gonçalves, nº 5
4775-051 Carreira
Telefone: 252 963 310

Centro Social Paroquial Imaculado Coração de Maria
- Vila Cova
Rua Mosteiro do Banho
4750-798 Vila Cova
Telefone: 253 862 483

Centro de Solidariedade Social S. Veríssimo
R. João Gomes Lourenço
4750-747 Tamel S. Veríssimo
Telefone: 253 801 420

Centro Social Cultural e Recreativo Abel Varzim
Largo Padre Abel Varzim
4755-174 Cristelo
Telefone: 253 853 760

Centro Social, Cultural e Recreativo da Silva
Rua da Igreja, nº 109
4750-690 Silva
Telefone: 253 881 990

Centro Humanitário da Cruz Vermelha Portuguesa
de Macieira de Rates
Av. Central, nº 559 - 1º
4755-266 Macieira de Rates
Telefone: 252 959 000

Cruz Vermelha Portuguesa – Núcleo Campo
Av. Divino S. Salvador, nº 1792
4750-413 Campo
Telefone: 253 884 242

APAC - Associação de Pais e Amigos de Crianças
Rua Dr. Aires Duarte - Apartado 5007
4754-908 Arcozelo BCL
Telefone: 253 812 436

Outros Bancos

Banco Local do Voluntariado
Ação Social do Município
Tel. 253 809 600

Farmácia Comunitária
ACES Cávado III
Tel. 253 808 300

Banco das Roupas, Calçado e Brinquedos
ULTRIPLO
Tel. 253 917 172

Banco do Material Escolar
SOPRO, ONGD
Tel. 965 659 916

Banco do Material de Construção Civil (Parceiro a definir)

O Programa da Bolsa Solidária de Recursos procura agilizar e melhorar a intervenção social local, ao mesmo tempo que serve de referência à malha da parceria. A credibilidade e a transparência, que resulta deste programa, facilitam a criação da Bolsa para a Inclusão na medida em que aproxima outros agentes, em concreto da rede privada.

Sofia Albuquerque
Directora Executiva do CZPS



A VOZ DO VOLUNTÁRIO

“Ser voluntário é ter a esperança e a certeza de que podemos ser melhores pessoas onde quer que estejamos”

Miguel Novais



Rosa Nordeste é voluntária internacional da SOPRO e está a desenvolver um projeto de voluntariado de longa duração em Moçambique e partilha connosco a sua experiência.

Com que idade começou a fazer voluntariado?

Durante a adolescência, com 13/14 anos, em ações esporádicas como por exemplo o Banco Alimentar contra a Fome e em colaboração com o Corpo Nacional de Escutas.

Que tipo de atividades desenvolve?

Atualmente estou em Moçambique, enquanto voluntária no terreno, dou apoio no laboratório de informática da escola João XXIII, algo que surgiu há pouco tempo e um recurso a que muito poucos têm acesso fora da escola, na Manga, perto da cidade da Beira: dando aulas, explicações e discutindo algumas questões com o outro professor de informática da escola, como o planeamento e gestão das aulas.

No Centro Educativo e Assistencial La Salle, com crianças que apesar de frequentarem desde a 4ª à 7ª/8ª Classes mas não sabem ler nem escrever, dou apoio no estudo quer ajudando-os a aprender a ler e escrever, quer em outras matérias das disciplinas em que tenham dúvidas.

No terreno temos ainda empreendido outras ações de formação sobretudo com os professores: formações em informática, formação sobre criatividade, formação sobre responsabilidade e ética no

trabalho (público-alvo com quem continuaremos a trabalhar). Outra componente bastante importante do trabalho tem sido a sensibilização para a importância do estudo junto das famílias dos bolsiros da SOPRO. Esta sensibilização será, ainda, feita junto das crianças bolsieras.

De qualquer forma as ações podem sempre ser ajustadas conforme a necessidade no terreno – questões que são discutidas em consonância com os irmãos La Salle com quem colaboramos.

O que sente ao fazer voluntariado e ao observar o resultado das suas ações?

Por um lado queremos sentir que podemos chegar a todo o lado, mas sabemos que isso não é possível. Então damos sempre o máximo junto daqueles que estão à nossa volta e o que se sente é muito forte.

Ao empreender estas ações sinto, sem dúvida, que ter arriscado e ter saído da minha área de conforto foi uma decisão muito acertada, porque, apesar de ter abdicado de muita coisa, são mais as coisas que ganho todos os dias: estou contente pelo trabalho que realizo, esperando ser sempre melhor, e as recompensas surgem de todos os lados como um simples sorriso de uma criança quando se apercebe a pouco e pouco do seu progresso. Aqui, ainda mais do que em qualquer parte do Mundo, encontramos nas pequenas coisas a felicidade e uma gratidão enorme.

Qual a experiência que mais o marcou?

Recordo-me por exemplo de um abraço bem forte que me foi dado por uma mãe no HSJ quando colaborava como voluntária com a Acreditar. Esta mãe disse-nos o quão importante é a nossa presença ali – muitas vezes não temos de dizer nada, apenas estarmos disponíveis de alma e coração naquele espaço, prontos para ouvir e darmos um bocadinho do nosso tempo. É o suficiente para tornar o dia de alguém, que está a passar por uma situação mais difícil, melhor.

Aqui, em Moçambique, preenche-me sempre ver, aonde quer que estejamos, e sobretudo com as crianças mais jovens, o carinho e gratidão que elas transmitem, isso é a forma que elas têm de

nos agradecer todos os dias. A energia delas é imensa, por mais dificuldades que tenham na vida, para eles, apesar de todas as vicissitudes, tudo corre bem e estão sempre felizes e logo nos põem a dançar e a cantar. E isto é mesmo uma grande lição de vida, porque, por muito que se diga, não é preciso quase nada para sermos felizes. Temos de dar valor ao que temos porque às vezes as nossas prioridades estão trocadas. Apetece-nos dar tudo por estas crianças!

Na atualidade, considera importante a ação dos voluntários na sociedade? Porquê?

Sim, é importantíssima. Em Janeiro deixámos Portugal num cenário de autêntica crise, mas tive o privilégio de participar, e conhecer outros, núcleos e associações de solidariedade, anónimos ou não, que nunca esmoreceram e continuam a fazer um excelente trabalho. Fico feliz por ver que esta não é uma crise de valores, muito embora quando vejo as notícias do nosso país a maior parte das novidades sejam menos positivas. É, aliás, muitas vezes nestas alturas que a solidariedade mais se faz notar. E estas pequenas ações à nossa volta não vem nos noticiários...

E numa sociedade em crise, ou sem ela, todos nós precisamos de nos unir para combater receios e problemas que nos afetam a todos (ou a uma parte de nós e é bom sermos solidários por estas causas). É o voluntariado que promove essa união voltada para e por uma causa!

Consegue descrever uma situação em que o seu contributo voluntário tenha feito a diferença?

Eu acredito que faz a diferença mesmo quando o contributo não se torna muito visível porque uma simples ação pode valer por muitas (uma ação pode levar a muitas em cadeia, mais pessoas podem ser sensibilizadas e atingidas).

Para mim já vale imenso ver a felicidade de uma criança que repara na sua evolução e fica contente quando acerta na resposta de uma pergunta. A mudança tem mesmo de ser feita nestes pequenos núcleos, de dentro para fora, levando o tempo que levar. Isto faz-me acreditar num futuro melhor para Moçambique, neste caso em concreto. Temos de fazer o que podemos, e o mundo à nossa volta



será melhor. E eu gosto de pensar que fazer a diferença está todos os dias ao meu alcance e ao alcance de cada um de nós.

Considera que ainda há algo a fazer ao nível do voluntariado? Se sim, o quê concretamente?

Na minha opinião, ser voluntário é algo que deve vir de dentro de nós. Se à partida não tivermos essa predisposição... também a podemos contrariar um pouco! E não há nada como experimentar e pormo-nos ao serviço dos outros, na mais simples ação que seja, pois é uma forma de conhecermos novas realidades, nos tornarmos mais tolerantes, crescermos enquanto pessoas e melhorarmos o mundo que nos rodeia. Quem sabe se até o vizinho que está ao nosso lado não precisa de nós? Uma simples conversa, um saber como ele está, já é um ato de voluntariado.

Ser voluntário acaba por ser isso mesmo, o estar presente, onde quer que estejamos, sermos uma presença ativa e participativa no meio que nos é mais próximo.

Por isso se há alguma coisa a fazer pelo voluntariado... acho que um passo fundamental pode ser a sensibilização junto das crianças e jovens para a cidadania e a participação ativa, para que eles tenham contacto com ações de voluntariado desde cedo de forma a valorizarem, assim como os seus pais e todas as pessoas com quem contactam, estas ações.

De que forma podemos promover, divulgar e incentivar ao voluntariado?

Penso que a melhor forma de o fazer será sempre junto das crianças e dos jovens com simples ações voltadas para diferentes públicos-alvo que são muitas vezes esquecidos pela nossa sociedade, sejam eles idosos, deficientes motores e mentais, doentes, sem-abrigo, toxicodependentes, entre outros.

Quer deixar-nos alguma mensagem em relação ao voluntariado?

A quem tem vontade de o fazer que não esmoreça, e se não sabe por onde começar pode ser mesmo por quem tem mais perto de casa.

Mesmo para quem não se sinta inicialmente capaz, não há nada como tentar. Muitas vezes somos surpreendidos pela nossa força interior e por tudo aquilo que podemos fazer pelos outros. Todos temos um espírito voluntário e todos podemos fazer algo de útil que está ao nosso alcance.

*Rosa Mafalda Azevedo Marrinhas da Silva Nordeste, 25 anos
Voluntária na SOPRO, ONGD*



“No início do meu voluntariado uma jovem doente oncológica pediu-me chocolate. Hesitei e falei com a enfermeira, a qual me autorizou a satisfazer o pedido. Dei-lhe o chocolate, mal o provou. No dia seguinte, tive conhecimento do seu falecimento. Esta menina marcou-me muito.”

*Maria José Pimenta, 71 anos
Voluntária no Hospital Santa Maria Maior - Barcelos*

“ O voluntariado deveria ser mais valorizado a nível nacional. É importante para as entidades. A nível pessoal é uma experiência bastante gratificante.”

*Ana Pereira
C.S. P. I. C. Maria*

“É difícil descrever em meras palavras o que é ser voluntário! É uma das maiores, melhores e mais enriquecedoras experiências que podemos ter na nossa vida.

No meu caso em particular falarei acerca do voluntariado desenvolvido no Albergue Municipal de Barcelos – a Casa da Recoleta. Desde a abertura do albergue que tive oportunidade de participar ativamente no projeto, de sentir na pele o que é ser um voluntário.

Após os peregrinos estarem instalados, chega a parte mais divertida; nesse momento a boa disposição e alegria invadem o Albergue. Devido ao espírito que o Caminho transmite às pessoas, todos os peregrinos interagem entre si e em conjunto com eles peregrinos, também nós cantamos e tocamos guitarra, conversamos, trocamos ideias e opiniões.

É simplesmente fantástico ver como eles nos agradecem toda a ajuda que lhes demos; eles simplesmente deixam um sorriso que nos marca.”

*Jorge Barbosa
Albergue de Peregrinos Casa da Recoleta
Tamel S. Pedro Fins*

“Iniciei a minha atividade de voluntariado aos 12 anos de idade, pois a minha mãe já era voluntária na instituição e eu acompanhava regularmente.

Quando acompanhava a minha mãe dirigíamo-nos a um pavilhão (unidade) para estar a animar os utentes. Anos mais tarde, participei em atividades desportivas e teatrais da Casa (pedia dispensa no meu emprego para participar nestas atividades); isto para dizer que desde tenra idade até hoje acompanhei regularmente a vida interna desta Casa.

Cada dia que estou presente na instituição e consigo apoiar algum utente nas suas necessidades faz com que vá embora mais preenchido como pessoa. Muitas vezes o resultado das minhas ações é facilitar, em coisas simples, o dia-a-dia das pessoas

internadas; e isso é retribuído num muito obrigado ou num abraço do utente.

A ação dos voluntários na sociedade é importante porque são uma força maior para as várias necessidades que existem na sociedade atual.

O voluntariado é algo que nos vem do interior, é uma força interna; uns têm essa força, outros não. Por isso aqueles que a tiverem, não desistam nos obstáculos que encontrarem, porque é uma ação desafiante, mas sem dúvida, muito gratificante.

Um grande bem haja a todos os voluntários.”

*Manuel Moreira, 68 anos
Casa de Saúde S. João Deus - Barcelos*

A HISTÓRIA DO VOLUNTARIADO

Contada por um
grupo de crianças

“Muita gente pequena, fazendo muitas
coisas pequenas, em muitos lugares
pequenos, pode mudar o mundo!”

(Provérbio africano)



Voluntários para a vida

Numa simpática aldeia do Minho, vivia uma família, que tinha dois filhos, o João e a Joana.

Certo dia, João e Joana, dois irmãos inseparáveis, resolveram ir fazer um piquenique para o parque da aldeia.

Estava um lindo dia de sol, ouvia-se o chilrear dos passarinhos, corria uma brisa suave no ar e viam-se imensos meninos a brincar. Junto a um lago, uma família de palhaços fazia um espetáculo para as crianças, que estavam muito divertidas, a bater palmas e a rir daquilo que os palhaços faziam.

O João e a Joana repararam que todos riam, menos um menino que estava sentado debaixo de uma árvore, muito triste. Enquanto a Joana se aproximou e foi assistir ao final do espetáculo, o João, a pouco e pouco, foi-se dirigindo para junto do menino e, ainda meio envergonhado, perguntou-lhe:

- Porque estás triste?
- Eu estou triste porque não gosto de ser palhaço e de todos se rirem de mim – respondeu o menino.
- Mas toda a gente gosta de palhaços, são engraçados e divertidos. Não percebo porque estás triste - disse o João.
- Eu não consigo ter amigos, porque ando sempre de terra em terra, de cidade em cidade, a fazer espetáculos e nunca paro no mesmo sítio - respondeu o menino.

O João ficou muito triste com a história daquele menino e disse-lhe:

- Olha, eu vim fazer um piquenique com a minha irmã Joana, ela está a preparar tudo, queres vir comigo? Vai ser divertido!
- Sim, quero. Afinal, eu hoje não faço parte do espetáculo – disse o menino.

Começaram a caminhar e, de repente, o João lembrou-se que ainda não tinha perguntado o nome àquele menino. Então, perguntou-lhe:

- Como te chamas?
- Eu chamo-me Omar – disse o menino.
- Eu chamo-me João. O teu nome é um nome diferente. De que país és? – Perguntou-lhe o João.
- Nasci em Marrocos, é um país distante de Portugal, mas também muito bonito – respondeu o Omar.

Enquanto caminhavam e Omar lhe ia contando histórias do seu país, repararam que estava um pequeno passarinho caído no chão. Aproximaram-se devagarinho e viram que o passarinho chilreava aflito e não conseguia mexer uma asa. Com todo o cuidado pegaram nele e o Omar até perguntou:

- O que se passa passarinho?
- Piu-piu-piu... - respondia o pequeno passarinho.

João e Omar perceberam logo que o passarinho estava magoado e com muita sede e levaram-no com eles. Entretanto chegaram junto de Joana, que já tinha o piquenique preparado. Joana, admirada quando viu que João vinha acompanhado e perguntou:



- Quem é esse menino?
- É Omar, o meu novo amigo – respondeu o João

Omar sentiu-se muito feliz por o João lhe ter chamado de amigo e deu um grande sorriso a Joana. Logo se lembraram que tinham que ajudar o passarinho e não sabiam o que fazer. Mas como a Joana tinha trazido o telemóvel, resolveram ligar à mãe e perguntar-lhe o que deveriam fazer. A mãe disse-lhes para, com muito cuidado, atarem um pauzinho à asa do pequeno pássaro e depois o levarem com eles para casa.

Estavam eles muito divertidos a contar muitas histórias e a comer o saboroso lanche que a Joana tinha preparado para o piquenique quando, de repente, ouviram um grande trovão. Repararam que o céu estava muito escuro e começava a chover. A Joana muito assustada agarrou-se ao João e disse-lhe:

- Tenho medo da trovoada, quero ir embora!
- Não tenhas medo, vamos já para casa. Anda também Omar – convidou o João

Omar aceitou e logo os três começaram a correr o mais rápido que conseguiam! Naquele instante, Omar achou que tinha ouvido um barulho estranho, parou e disse para o João e a Joana:

- Ouviram, parece um gatinho aflito. Ouçam!
- Está ali naquela árvore – grita a Joana.

Aproximaram-se e lá estava o gatinho, que com o medo da trovoada tinha trepado para a árvore e agora não conseguiu descer. Miava sem parar, porque estava muito assustado. Eles também não conseguiam subir, porque a árvore era muito alta. Naquele momento, Omar lembrou-se que junto ao parque da aldeia havia um quartel dos bombeiros e correram até lá para pedir ajuda.

Com uma escada gigante, um bombeiro subiu à árvore e pegou no gatinho.

Depois disse-lhes que o melhor era entregá-lo à Associação Projeto Animais de Barcelos, que tomava conta dos animais que não tinham dono ou andavam perdidos.

Logo a Joana se apressou a dizer:
-Nós levamo-lo connosco para casa.

E assim foi. Correram para casa, levando com eles o passarinho e o gatinho. Ao chegar ao portão da quinta encontraram um cão abandonado, estava triste, sujo, com fome e o rabo entre as pernas de tanto medo.

- Oh! Que pobre cãozinho - disse a Joana.
- O Omar disse:
-Ele está triste, deve ter sido maltratado.
- Vamos levá-lo para casa e tratá-lo - respondeu o João.

Os dias passaram e o Omar visitava sempre o João e a Joana, o cão Max, o gato Teco e o passarinho Twitty Tornaram-se bons amigos.

Chegou o dia em que o Omar teve que ir para outra terra. No entanto, manteve contacto com os amigos através de e-mail, telefone e ainda conseguia ter notícias pelo site da Associação de Animais onde entregaram o Max e o Teco.

O Twitty era sempre recordado quando viam pássaros a voar. Omar por todas as terras que passava ajudava sempre alguém, pois ele também foi ajudado. Desde aí começou a ver o mundo de outra forma.



Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações 2012



“Envelhecer é organizar a juventude ao longo dos anos.”

Paul Eluard



BARCELOS SAUDÁVEL

O tema “envelhecimento” tem sido alvo de estudos e tem desencadeado a produção de conhecimentos e programas que contribuem significativamente para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. A Organização Mundial de Saúde coloca o envelhecimento no centro das políticas de promoção da saúde das cidades. O estilo de vida surge como um fator importante neste processo, que pode influenciar positiva ou negativamente a qualidade de vida dos idosos (Fonseca, 2004). Nos dias de hoje, existe uma sensível mudança em relação às atitudes e aos comportamentos dos idosos. Este modo de envelhecer é classificado pelos profissionais de saúde como: “envelhecimento ativo”.

É importante que os idosos procurem ter como meta um estilo de vida ativo. Neste sentido, é necessário oferecer atividades que lhes dêem prazer, divertimento e satisfação. Para além do mais, existem vários estudos científicos que comprovam os benefícios que os idosos adquirem na prática de programas de atividade física regular e orientada.

O Projeto Barcelos Saudável, inspira-se nas orientações definidas pela OMS para o movimento das Cidades Saudáveis, onde é atribuído um papel central à promoção do envelhecimento ativo como uma responsabilidade partilhada entre os vários setores da sociedade.

Neste sentido, a Câmara Municipal de Barcelos e a EMDB têm vindo a promover junto da população várias ações e projetos que visam a promoção de um estilo de vida ativo e saudável através da prática de atividade física regular e orientada. O Gabinete de Apoio ao Utente para a Atividade Física, sediado no Pavilhão Municipal de Barcelos, surge assim para responder a estas necessidades concelhias, coordenando o Centro Municipal de Marcha e Corrida de Barcelos e o Projeto Boccia Sénior.

O Centro Municipal de Marcha e Corrida, dá apoio ao nível de treino e de aulas de grupo para todas as idades no parque da cidade, promovendo também, conjuntamente com vários parceiros aderentes, caminhadas, corridas e passeios de btt por todo o concelho.

O projeto Boccia Sénior, surge através da parceria com várias instituições de apoio à terceira idade/juntas de freguesia do concelho. O 2.º Campeonato de Boccia Sénior de Barcelos é um bom exemplo disto. Este campeonato, atualmente com 20 instituições participantes decorre ao longo de todo ano, através de jornadas mensais, culminando com a realização da Super Taça de Boccia Sénior de Barcelos inserido no tradicional convívio/festa do dia dos avós.

Mais recentemente, a criação do Projeto Sénior Saudável, pretende massificar ainda mais a prática regular de atividade física em diferentes pontos do concelho. Este projeto, através da criação de parcerias, pretende estabelecer uma prática regular de atividades físicas diferenciadas 3 vezes por semana, para assim responder eficazmente ao processo de envelhecimento ativo.

BARCELOS SAUDÁVEL
Prof. Luís Gomes e Prof. Ricardo Sá
Email: barcelossaudavel@gmail.com



BARCELOS SÉNIOR

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL,
CULTURAL, SOCIAL
E RECREATIVA DE FORMAÇÃO
PERMANENTE

Compreender o envelhecimento passa por conhecer o ser humano nos seus múltiplos aspectos, ao longo do seu percurso pessoal, sem esquecer a evolução histórica dos homens e das mulheres, nos diversos cantos do mundo.

Atualmente como encaramos o envelhecimento? Duas leituras. Por um lado, é indiscutível o aumento da esperança média de vida e a oportunidade de acompanhar várias gerações e viver vários ciclos, terceira e quarta idade. Por outro, a longevidade nem sempre corresponde a uma vida com qualidade e perdura para alguns como uma verdadeira “antecâmara da morte”.

O acesso à informação, à educação/aprendizagem é um direito inabalável e um garante na igualdade de oportunidades que perpassa qualquer idade.

A universidade sénior, registada a 14 de Junho de 2012 como Barcelos Sénior ergue-se como um novo espaço para aprendizagem dedicado a todos e a todas, com idade igual ou superior a 55 anos e/ou idade da reforma. Como se afirma na proposta do dossier técnico-pedagógico, este projecto devolve o protagonismo da ação ao aluno(a).

De acordo com o Dr. Luís Jacob as Universidades Sêniors são o modelo de formação de adultos com mais sucesso em Portugal e no mundo.

O docente é mais um cúmplice no quadro de ensino não-formal e valoriza as competências adquiridas pelos alunos(as) ao longo da vida. O direito a aprender, a vontade de interagir e participar nas aulas é uma opção de índole privada e merece todo o acolhimento quando manifesta, independentemente de qualquer título honorífico. Esta decisão não implica qualquer “regresso às aulas”, mas antes, uma continuidade no processo formativo. A aceitação de uma nova rotina, de um determinado treino comunicacional (racional e emocional) e de novos desafios são ingredientes indispensáveis à vida em sociedade, particularmente, quando a informação e o conhecimento circulam “à velocidade da luz”.

Este é mais um projeto que procura colocar em comum a diversidade, a pluralidade de saberes, experiências e conhecimentos, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, social e cultural dos barcelenses. A arte do ser emana da magia do saber.

Esta determinação motivou o executivo da Câmara Municipal de Barcelos e personalidades com papel relevante a dedicarem-se a este projeto, construído na base da auscultação das expectativas dos cidadãos e no conhecimento e contacto com boas práticas, nesta área de intervenção. Desta forma, nas instalações da antiga escola primária de Vila Frescaíña de S. Martinho, os cidadãos terão ao seu dispor algumas disciplinas no domínio das humanidades, das ciências, das técnicas, das oficinas e da saúde e cultura física. Também, ao longo do ano serão desenvolvidas várias actividades extra-curriculares, ficando o mês de Julho reservado à agenda cultural.

*Ana Maria Ribeiro da Silva
Presidente da Barcelos Sénior*



MISERICÓRDIA DE BARCELOS COMBATE ISOLAMENTO SOCIAL

Projeto Conhecer e Apoiar Sêniores
de Barcelos

A Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, através do projeto de voluntariado Elos, e em parceria com a Junta de Freguesia de Barcelos, está, neste momento, a levar a cabo um projeto de caráter social, que pretende essencialmente combater o isolamento social dos idosos na freguesia de Barcelos, numa altura em que muito se tem falado de abandono familiar.

O Projeto denominado «Conhecer e Apoiar – Seniores de Barcelos» encontra-se numa fase inicial, centrando a sua ação no recenseamento dessa população, por uma equipa credenciada, junto de um grupo já sinalizado, procedendo a um inquérito.

A equipa, devidamente identificada, desloca-se a casa dos idosos, que já terão sido alertados para esta visita via ctt, de modo a recolher informação relevante, através do preenchimento de um questionário simples.

Assim, o objetivo deste projeto é ter a perceção real da situação em que vivem os idosos da cidade de Barcelos e estruturar, com o apoio de uma equipa de voluntários, a intervenção adequada a cada situação específica.

Estando certos de que este será um excelente recurso de e para a comunidade, a Santa Casa conta com a colaboração de todos. A comunidade barcelense terá um papel preponderante e facilitador neste projeto, sensibilizando os seus seniores e estimulando-os a participar e, por outro lado, ajudando a identificar aqueles que poderão encontrar-se numa situação de maior vulnerabilidade e, por isso, tratarem-se de situações prioritárias. Para tal poderá contactar a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos ou a Junta de Freguesia de Barcelos.

Todos temos um papel ativo enquanto cidadãos, esta é uma excelente oportunidade para exercermos esse dever e contribuir para uma sociedade melhor e mais justa.

A SCMB e a Junta de Freguesia de Barcelos agradecem a colaboração de todos.



ANIMAR E CUIDAR

“É tempo de reencontrar os recursos das comunidades, é tempo de reforçar as redes sociais e de apoio, é tempo para valorizar o manancial de experiências de vida que cada idoso encerra em si e com eles recriar o futuro”

Iniciamos esta reflexão entre “animar e cuidar” levantando algumas questões para que possamos encontrar a perfeita sintonia entre duas palavras que muito significam naquele que é considerado o ano Europeu do Envelhecimento Ativo.

Começamos então pela palavra “animar”. O que significa “animar”? Na sua essência animar significa “dar alma”, “dar vida”, “dar animação a”, “alentar”, “encorajar”.

Por seu turno a palavra “cuidar” remete-nos para um ato que diariamente todos exercemos e que diz respeito a cada um de nós. Todos assumimos certamente um dos seguintes papéis: de pais, irmãos, filhos, profissionais, etc. o que obriga a que direta ou indiretamente acabemos por ter que cuidar de alguém. Cuidar de alguém, no que respeita ao ser humano, implica encara-lo na sua totalidade e atender a todas as suas necessidades, sejam elas biológicas, psicológicas e sociais. Automaticamente verificamos que o ato de cuidar não é tarefa fácil, é algo que exige muito de nós, muita responsabilidade, mas que ao mesmo tempo se torna uma experiência muito rica.

Ao nível profissional, e sobretudo no que diz respeito às profissões do âmbito social “cuidar de alguém”, exige de quem cuida uma atenção redobrada sobre quem esta a ser cuidado, exige determinadas competências: saber ser, saber saber e saber fazer.

•Saber Ser - Do domínio sócio-afectivo, visa um ajustamento pessoal, a descoberta do sentido profundo das ações e dos acontecimentos, o desenvolvimento de atitudes e de interesses, a aquisição de valores. Tal reflete-se em comportamentos e atitudes como saber ser responsável, paciente, meigo, humilde, educado, honesto, assíduo, justo, atento, bom ouvinte, simpático, competente, flexível, bem-disposto, dedicado, profissional; colocar-se no lugar ou situação dos idosos; prestar-lhes a devida atenção; respeitar o idoso, os colegas e superiores hierárquicos; ter postura e boa apresentação; ter capacidades psicológicas, sociais e de relacionamento com os outros, especialmente com os idosos;

•Saber saber – Do domínio cognitivo, visa a aquisição de informações, desenvolvimento de capacidades e estratégias cognitivas e a sua aplicação a situações novas. Isto significa considerar o idoso como um ser humano com todas as suas necessidades; identificar em cada idoso um ser diferente do outro; e ajustar os conheci-

mentos adquiridos a cada situação e a cada idoso, ajudando-o a desenvolver as suas aptidões físicas e intelectuais, promovendo ao máximo as suas capacidades, autonomia e envelhecimento ativo.

•Saber Fazer - Do domínio psicomotor, visa o desenvolvimento e a aplicação de habilidades psicomotoras. Possuir competências técnicas, os conhecimentos necessários para cuidar dos idosos em áreas como: alimentação; saúde, higiene, atividades de animação, processo de envelhecimento, cultura, hábitos e crenças, etc. Sem dúvida alguma, cuidar de alguém é uma tarefa extremamente exigente que implica simultaneamente um conhecimento teórico e científico do processo de envelhecimento e uma vocação e motivação pessoal para o exercício de qualquer atividade profissional neste âmbito.

O processo de cuidar não é um processo linear. É necessário que o profissional saiba reconhecer e adaptar os cuidados às necessidades individuais da pessoa. Neste sentido torna-se imprescindível o papel da família. Que em determinada situação podem fazer toda a diferença na prestação de cuidados. O profissional cruza-se com o utente no momento da necessidade, da “aflição, e na maior parte dos casos para resolver uma situação urgente. O familiar, por seu turno, conhece o utente tal como ele é, conhece o seu percurso de vida, conhece a sua vontade e todas as suas necessidades, sobretudo as que ultrapassam as necessidades básicas... Como sabemos, parte das respostas sociais não permitem a prestação de cuidados profissionais 24h por dia o que automaticamente implica a prestação de cuidados ao utente pelos familiares. Fazendo uma paragem neste ponto. Abrimos aqui um espaço para uma breve reflexão... Olhando o idoso na sua totalidade, é importante encontrar a perfeita sintonia entre a prestações de cuidados formais e informais... é importante que, sempre que seja necessário, se transmitam conhecimentos aos familiares para que o seu papel de cuidadores seja executado em plenitude... É comum verificar-se que em muitas situações os familiares assumem o papel de cuidadores sem terem qualquer perceção das implicações que tem o real estado de saúde do idoso... Assim não podemos descorar o papel do familiar e cuidar do utente implica também, em muitas situações cuidar de quem cuida e esta é uma responsabilidade que deverá ser uma preocupação de todos os profissionais.

No entanto, em situações em que os idosos permanecem 24h por dia numa instituição isto não significa que todas as necessidades estão salvaguardadas. Como referíamos anteriormente há necessidades que os profissionais não conseguem satisfazer e que só a presença ativa da família ajuda a colmatar. Mais do que estarem vivos a satisfação dessas necessidades permite que o idoso se sinta vivo. Nada substitui o afeto de um filho, o carinho, o miminho de alguém que representa muito da nossa vida.

Por isso, mais uma vez reiteramos a ideia de que é extremamente importante a conciliação entre a prestação de cuidados formais e informais, entre o cuidado de profissionais e o cuidado pelos familiares.

Cuidar tal como se referia inicialmente significa dar vida. Dar vida implica muito mais do que apenas manter a pessoa viva. Mais do que estar viva é importante que a pessoa se sinta viva. Neste sentido cuidar é também um processo que exige criatividade. A criatividade “... consiste em encontrar métodos ou objetos para executar tarefas de uma maneira nova ou diferente do habitual...” A criatividade “permite cumprir os desejos de forma mais rápida, fácil, eficiente ou económica”. Em tempos tão austeros, esta é uma das exigências que se coloca. Fazer tanto ou mais com menos recursos é uma habilidade que só pessoas criativas conseguem realizar.

Conscientes da fragilidade económica que atravessamos, é tempo de reencontrar os recursos das comunidades, é tempo de reforçar as redes sociais e de apoio, é tempo para valorizar o manancial de experiências de vida que cada idoso encerra em si e com eles recriar o futuro.

Ser idoso, não é estar no fim de linha...

Ser idoso não é ter mais anos...

Ser idoso é ser pessoa!

Ser idoso é valorizar cada experiência vivida em cada ano de vida...

Ser idoso é redesenhar o futuro com a experiência magnífica do passado...

*Liliana do Vale Matos
Técnica Superior de Serviço Social
na Associação Perelhal Solidário*

O ENVELHECIMENTO ATIVO E A NECESSIDADE DE UMA ARQUITETURA INCLUSIVA

A Organização Mundial de Saúde propõe a definição de envelhecimento ativo como “...o processo de otimização de oportunidades nos domínios da saúde, da participação e da segurança, com o objetivo de prolongar a qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem”. Colocando a tónica menos nas limitações e focalizando-se mais na criação de condições de bem-estar ao longo do envelhecimento próprio do ciclo da vida.

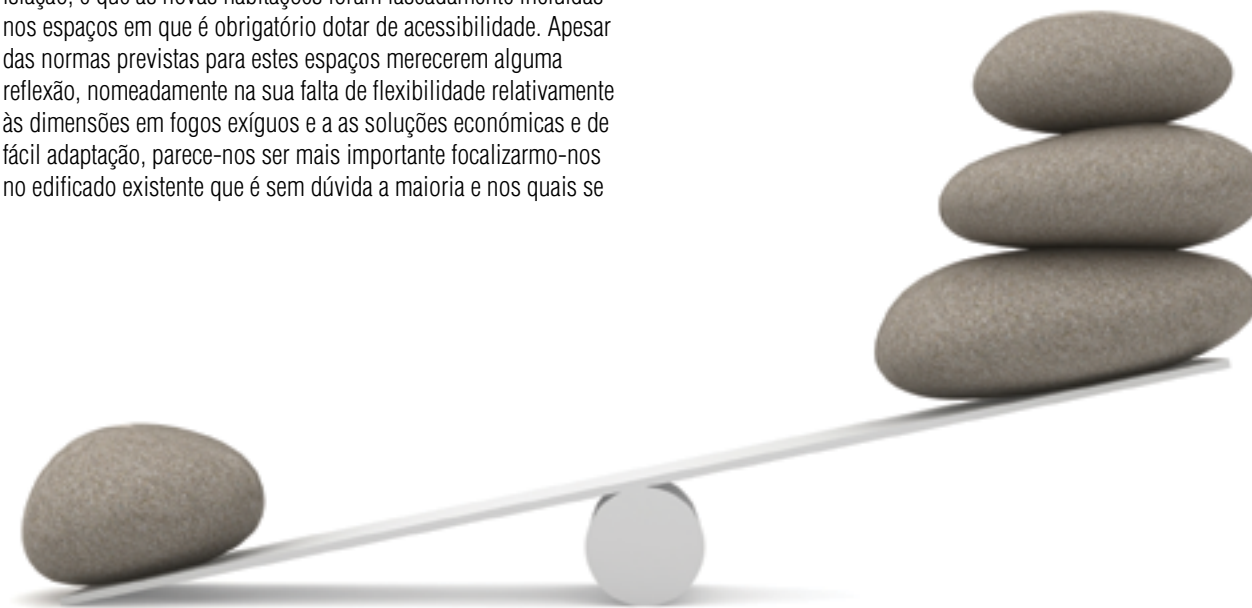
Uma das condições fundamentais para a manutenção do bem-estar é o meio físico envolvente que pode, com o aumentar da idade, tornar-se cada vez mais agreste.

A maior parte das características associadas ao envelhecimento tende a limitar a mobilidade e com o processo de envelhecimento frequentemente há uma deterioração geral das capacidades físicas, cognitivas e sensoriais. Até há bem pouco tempo o meio físico edificado em que vivemos era pensado quase exclusivamente para o Homem médio e “robusto” que é capaz de se adaptar a todas as situações mais ou menos adversas. No entanto a maioria das pessoas não se encontra dentro desse padrão, o que exige por parte dos mesmos uma maior ou menor capacidade de adaptação ou ajustamento a esse mesmo meio, que muitas vezes pode criar dificuldades intransponíveis. Este padrão ignorava por completo o ciclo da vida e as suas vicissitudes. Se por qualquer motivo, provisória ou definitivamente, perdemos ou vemos reduzidas alguma dessas capacidades de adaptação (auditiva, sensorial, motora, visual, etc) o meio físico surge incómodo, agreste, desagradável, violento... Ao caminhar, por exemplo, pela rua esta prega múltiplas partidas mesmo a indivíduos com capacidades plenas. Um pavimento danificado pode provocar um acidente nomeadamente a indivíduos com dificuldades visuais ou com mobilidade condicionada. Um degrau num local imprevisto, além do provável acidente que pode provocar, é também um fator de exclusão para pessoas com dificuldade de locomoção ou mobilidade condicionada. Sendo claro que os destinatários de soluções mais inclusivas são todos os cidadãos e não apenas aqueles que apresentam maiores dificuldades de interação com o meio.

Espaço edificado - habitação

Com o envelhecimento a permanência e o uso da habitação é cada vez maior mas as pessoas mais velhas continuam a precisar de participar no convívio social a que estão habituadas. O seu isolamento sob qualquer que seja a forma é pernicioso e além de diminuir a qualidade de vida dos mesmos é potenciador de quadros de dependência, depressão e desesperança. Por isso deve-se, atualmente, esperar que a habitação seja um espaço com flexibilidade, que permita às pessoas adaptarem-se às condições que se alteram como a mudança da estrutura familiar, as limitações do utilizador, quer sejam temporárias ou permanentes. Daí a importância de uma arquitetura inclusiva que garanta ambientes apropriados, não só para idosos ou portadores de deficiência, mas para todos. Espaços residenciais adaptáveis que tenham em conta as mudanças fisiológicas, sensoriais e psíquicas do homem em todas as fases da vida, com boas soluções ambientais, livres de estereótipos e capazes de aumentar a autonomia e independência e que garantem uma melhor qualidade de vida de todas as pessoas. Em Portugal um fator positivo nesta matéria, fruto de recente legislação, é que as novas habitações foram faseadamente incluídas nos espaços em que é obrigatório dotar de acessibilidade. Apesar das normas previstas para estes espaços merecerem alguma reflexão, nomeadamente na sua falta de flexibilidade relativamente às dimensões em fogos exíguos e a as soluções económicas e de fácil adaptação, parece-nos ser mais importante focalizarmo-nos no edificado existente que é sem dúvida a maioria e nos quais se

encontram os grupos etários com idade mais elevada e economicamente mais desfavorecidos. Neste edificado temos uma multiplicidade de variantes que, em termos de acessibilidade, levanta uma série de problemas que urge resolver, questões no que diz respeito ao interface com o espaço público e consequentemente com as “redes sociais (físicas)”. Neste campo colocam-se problemas diferenciados dependendo da sua localização em espaço urbano consolidado, espaço suburbano e espaço rural concentrado ou disperso. Outro fator é se se trata de habitação coletiva (com ou sem elevador) ou então se é habitação unifamiliar, nas suas múltiplas tipologias, e por fim as condições interiores de utilização da própria habitação (se distribuída em vários pisos, num só piso com ou sem desníveis, a localização das zonas funcionais essenciais, como é o caso da cozinha l. Sanitária – as suas dimensões e a dos compartimentos, largura das portas, dos percursos, dos tipos de pavimentos etc.). Mesmo tendo em conta a grande capacidade





de adaptação do ser humano às condições mais adversas, há situações intransponíveis ou então que implicam uma precoce dependência de terceiros de todo indesejável. Dada a imensidão do problema urge tipificar soluções com diversos níveis de aproximação a uma solução ótima para que estas sejam economicamente viáveis e executáveis de forma a apoiar a imprescindível resolução particularizada da maior parte das situações. Concretizando um pouco, por exemplo, o interface com o espaço público – haverá situações de fácil resolução em que a colocação de uma simples rampa aumenta a acessibilidade de um grande número de pessoas mas com degraus entre este e a rua. No entanto haverá também outros casos em que o edifício nem de elevador dispõe e então aí a situação é mais complexa. O mesmo poderá acontecer no que diz respeito a habitações unifamiliares em que uma simples reformulação de jardins, eliminando degraus, poderá resolver a acessibilidade. Porém em situações de grandes desníveis só recorrendo a meios mecânicos se poderá garantir a acessibilidade. Urge também criar apoios para a resolução dessas situações. Os apoios referidos além de poderem ser monetários ou de incentivos fiscais poderiam, também, passar pelo aproveitamento das estruturas sociais existentes e da dinamização e potenciação do voluntariado local. Potenciar a reabilitação do parque habitacional existente sem megalomanias mas com pequenos passos, pode ser um passo de gigante tornado a realidade física habitacional mais “amiga”, aumentando a qualidade de vida dos cidadãos e fomentando o envelhecimento ativo e autónomo.

Espaço público e respostas sociais

Em paralelo com o espaço habitacional, o espaço público detém um papel crucial, como se percebe, quando nos referimos à localização do edificado. É importante valorizar e criar espaços públicos inclusivos pois estes são a continuação do espaço privado podendo permitir a inclusão e a criação de redes sociais. Quando se fala de acessibilidades ou desenho inclusivo tem-se descorado o espaço rural que é cada vez mais discriminatório para os cidadãos que o habitam. Se por um lado os mais longínquos são aparente-

mente mais seguros porque existem poucos veículos a circular por outro lado existe tendencialmente grande isolamento e falta de convívio social pelo despovoamento nuns casos e pela dispersão habitacional noutros. A realidade rural, na sua pluralidade, apesar de em algumas situações ser sinónimo de comunidade, de convivência e interdependência entre vizinhos, está tendencialmente a criar situações de isolamento dado que as vias de comunicação estão mais adaptadas à circulação de veículos automóveis e muito menos à de peões, com dificuldades acrescidas para os mais débeis, além de que, cada vez mais, bens e serviços essenciais se encontram distantes. Nos espaços urbanos consolidados, embora haja muito a fazer, tem vindo a ser desenvolvido um esforço de inclusão. As distâncias entre serviços são normalmente curtas e existem transportes públicos satisfatórios. No caso das zonas rurais e suburbanas, além de serem mais esquecidas, levantem também problemas de maior difícil resolução. Esta situação carece de uma profunda reflexão.

É neste contexto que surgem os equipamentos sociais que colmatam cada vez mais o problema de locomoção e de necessidade de convívio social, nomeadamente, os SAD (Serviços de Apoio Domiciliário), os Centros de Convívio, os Centros de Dia e os Equipamentos Sociais Residenciais. Os SAD representam um apoio de retaguarda fundamental, pois permitem que as pessoas se mantenham nas suas habitações com as suas próprias redes de convívio. No entanto, quando estas redes começam a ser escassas ou inexistentes, fruto das constantes mudanças sociais, surgem os Centros de Convívio e os Centros de Dia como alternativa fundamental na tarefa de re-socialização e envolvimento dos idosos em atividades que os mantenham ativos. Os equipamentos residenciais surgem como resposta natural em situações em que os espaços onde as pessoas habitam não têm as condições para proporcionar o mínimo de bem-estar.

Atualmente, nos equipamentos sociais residenciais, nomeadamente os mais recentes, as questões de acessibilidade e meios para criar autonomia que permitem apoio físico a indivíduos com relativa autonomia estão cada vez mais presentes. No entanto, convém ter em conta outros fatores de inclusão com forte impacto no bem-estar mental e emocional dos utentes, tendo em conta a diversidade de utentes, com mais ou menos autonomia e nas suas



situações mais diferenciadas. É importante conferir um ambiente de maior proximidade ao ambiente “caseiro”, familiar, evitando o aspeto “hospitalar” que, tendencialmente, estes equipamentos vão tendo (por exemplo, pelo facto de criar pisos com aspeto uniforme, liso e contínuo, múltiplas barras de apoio, etc). A opção por pisos com as mesmas características higiénicas, mas com um aspeto mais próximo do que se teria em casa, como é caso de um vinil com aspeto de madeira, constitui uma forma de ajudar nessa aproximação a ambientes mais familiares. Nestes equipamentos os recursos humanos, que como é evidente desempenham um papel fulcral, devem possuir não só uma boa formação técnica mas também “humana” sobretudo no sentido de incentivar e promover um envelhecimento ativo. No entanto, como se tem referido, convém não descorar, o espaço físico como forma de permitir e potenciar

a qualidade de vida dos idosos. Criando espaços que permitam a realização das mais diversas atividades ocupacionais de convívio social com a restante comunidade, nomeadamente a população não idosa, espaços que tanto podem ser internos como ao ar livre (por exemplo os circuitos de manutenção) potencia-se a rede social dos indivíduos e tanto quanto possível a sua participação cívica.

Equipamentos de serviços públicos

Estes equipamentos desempenham um papel importante na atuação dos cidadãos na sua vida cívica daí que seja fulcral a sua acessibilidade. Os equipamentos de serviços públicos criados de raiz, até por força da legislação, têm cada vez mais em conta a arquitetura inclusiva criando, em muitos casos, descriminação positiva no atendimento. O problema coloca-se em equipamentos existentes, nomeadamente os que nunca sofreram obras de adaptação, ou mesmo que tenham sido efetuadas, não tiveram em conta pequenos detalhes que vedam ou dificultam o acesso cómodo e seguro a esses serviços a uma grande parte dos cidadãos. Há espaços que têm Sanitárias acessíveis mas têm barreiras arquitetónicas, como por exemplo degraus que vedam o acesso ao edifício. Outros têm rampas seguidas de um degrau ou então rampas com inclinação muito acentuada. Outro fator que ainda acontece com alguma frequência é a existência de I. Sanitárias acessíveis com as peças sanitárias mal localizadas, que dificultam a sua utilização. Convém referir que muitas destas situações supra referidas, apesar de serem gravosas, nomeadamente quando o espaço físico permite soluções melhores, têm um fator positivo que não convém descorar ou seja já têm algum grau de inclusão. Uma rampa acentuada, por exemplo, é melhor que não ter rampa pois permite, embora com mais esforço, a sua utilização por utentes. Caso não existisse eram excluídos ou teriam a vida mais dificultada. Em síntese, para um envelhecimento ativo, entre muitos outros fatores de carácter fundamental, o meio físico é um deles. Fazer um esforço tornando-o “mais amigo” e fomentando uma arquitetura acessível e inclusiva é algo crucial que aumenta a qualidade de vida de todos os cidadãos.

*J. Lino Matos
-arquiteto-*

ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL

A Associação dos Profissionais de Serviço Social, concretamente a Delegação Norte, organizou no passado dia 26 Março de 2012, em Barcelos, uma tertúlia cujo objetivo visava celebrar o Dia Mundial do Serviço Social (IFSW) e o Dia do Serviço Social das Nações Unidas (ONU).

A tertúlia “Nós Assistentes Sociais” contou com a presença de 18 Assistentes Sociais que discutiram para além das questões relativas à constituição da ORDEM das Assistentes Sociais, discutiram também, em torno do ano Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações.

Sendo ambos temas de atualidade contamos com a presença da Dra. Ana Maria Silva Vereadora do Pelouro da Ação Social da Camara Municipal de Barcelos, Fernanda Rodrigues Presidente da APSS, Maria José Salgado e Teresa Alves do Hospital Magalhães Lemos.

O espectro de investigação e intervenção das Assistentes Sociais é abrangente, holístico, em constante mutação e, por isso, apropriado à utilização e reinvenção de novas metodologias de intervenção.

Daí que a discussão sobre o tema do envelhecimento ativo seja de uma forma particular para as Assistentes Sociais e de, uma forma geral para todas as outras profissionais de intervenção social fundamental, pois visa chamar a atenção para a importância do contributo dos idosos para a sociedade e incentivar as responsáveis políticas e todas partes interessadas a tomarem medidas para criar as condições necessárias ao envelhecimento ativo e ao reforço da solidariedade entre as gerações.

Quando nos referimos a envelhecimento ativo referimo-nos “à possibilidade de envelhecer com saúde e autonomia, continuando a participar plenamente na sociedade enquanto cidadão ativo. Independentemente da idade, todos podem continuar a desempenhar um papel na sociedade e a usufruir de uma boa qualidade de vida.

O Ano Europeu 2012 visa promover o envelhecimento ativo em três domínios:

Emprego: à medida que a esperança de vida aumenta em toda a Europa, a idade da reforma aumenta também, mas muitos receiam não conseguir manter o emprego ou não encontrar outro de forma a poderem usufruir de uma reforma decente. **É necessário dar melhores perspetivas de emprego aos trabalhadores mais idosos.**

Participação na sociedade: sair do mercado de trabalho não significa ficar inativo. O contributo dos mais velhos para a sociedade é muitas vezes ignorado. De facto, esquecemos que são eles que cuidam frequentemente dos netos e até dos próprios pais ou do cônjuge, além de fazerem muitas vezes um trabalho de voluntariado. **O Ano Europeu pretende assegurar um maior reconhecimento do contributo dos idosos para a sociedade e criar condições para lhes dar mais apoio.**

Autonomia: a saúde deteriora-se muitas vezes com a idade, mas as consequências dessa deterioração podem ser atenuadas de muitas maneiras. Pequenas mudanças à nossa volta podem melhorar significativamente a vida das pessoas com deficiência ou problemas de saúde. **O envelhecimento ativo significa também desenvolver a capacidade dos idosos para manter a autonomia o máximo de tempo possível.”** (Europa.eu/ey2012)



O debate foi frutuoso nesta matéria: refletimos quanto aos poucos recursos para garantir respostas adequadas e multifacetadas à população idosa; na necessidade de reconfigurar os serviços de centro de dia, apoio domiciliário e lar de idosos, no sentido de facilitar o acesso a atividades de acordo com as suas expectativas e, também, na não concretização de atividades generalistas uniformizadoras que vêem os idosos como um grupo uniforme e não específico. Quanto aos idosos em situação de debilidade psiquiátrica, salientou-se a necessidade de serem garantidos cuidados básicos aos doentes e aos cuidadores, para que se possa garantir qualidade de vida a uma população que se encontra debilitada, pois considera-se que caso não exista apoio aos cuidadores, os idosos correm mais riscos de verem as suas necessidades insatisfeitas. Apenas analisando, debatendo e intervindo na realidade, os Assistentes Sociais garantem o respeito pelos princípios deontológicos que regem a profissão, que se prendem entre outros com a contribuição para a mudança social, o apoio na resolução de problemas nas relações humanas e o reforço da emancipação das pessoas para promoção do seu bem-estar.

*Raquel Borges
Delegação Norte APSS*





Montepio

